

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

RENATO JOSÉ GALDINO VITOR PEREIRA

LES CHOSES, DE PEREC, E O *DESEJO DE KIANDA*, DE PEPETELA:
O POSICIONAMENTO RESPONSIVO DOS PROTAGONISTAS FRENTE À
IDEOLOGIA DOMINANTE

NATAL/RN

2021

RENATO JOSÉ GALDINO VITOR PEREIRA

LES CHOSES, DE PEREC, E O *DESEJO DE KIANDA*, DE PEPETELA:
O POSICIONAMENTO RESPONSIVO DOS PROTAGONISTAS FRENTE À
IDEOLOGIA DOMINANTE

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área do conhecimento: Literatura Comparada

Orientador: Prof. Dr. Orison Mardem Bandeira de Melo Júnior.

NATAL/RN

2021

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Sistema de Bibliotecas – SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN – Biblioteca Setorial do Centro de Ciências
Humanas,
Letras e Artes – CCHLA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Pereira, Renato José Galdino Vitor.

Les Choses, de Perec, e O Desejo de Kianda, de Pepetela: o posicionamento responsivo dos protagonistas frente à ideologia dominante / Renato José Galdino Vitor Pereira. - 2021.

93f.: il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Orison Marden Bandeira de Melo Júnior.

1. Pepetela, 1941-. O Desejo de Kianda - Dissertação. 2. Perec, Georges, 1936-1982. Les Choses - Dissertação. 3. Círculo de Bakhtin - Dissertação. 4. Ideologia - Dissertação. 5. Literatura comparada - Dissertação. I. Melo Júnior, Orison Marden Bandeira de. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 82.091

RENATO JOSÉ GALDINO VITOR PEREIRA

LES CHOSES, DE PEREC, E O DESEJO DE KIANDA, DE PEPETELA:
O POSICIONAMENTO RESPONSIVO DOS PROTAGONISTAS FRENTE À
IDEOLOGIA DOMINANTE

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área do conhecimento: Literatura Comparada

Orientador: Prof. Dr. Orison Mardem Bandeira de Melo Júnior.

Natal, ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Orison Marden Bandeira de Melo Júnior
Presidente – UFRN

Prof. Dr. Andrey Pereira de Oliveira
Examinador interno – UFRN

Prof.^a Dr.^a Vanessa Neves Riambau Pinheiro
Examinadora externa – UFPB

Dedico este trabalho a minha família e amigos, em especial a minha mãe que sempre esteve comigo e que do seu jeito sempre me apoiou em todas as minhas decisões e em meus estudos. Junto com meus irmãos e amigos de longa data sempre, pude ter acesso a leituras e conversas que ajudaram a formar a pessoa que sou hoje e que quero ser no futuro.

AGRADECIMENTOS

A arte é um importante motor de mudanças na vida das pessoas, sem contato com ela não teria tomado muitas das decisões que me fizeram escolher ser professor e pesquisador na área de letras. O contato com as artes se deu inicialmente através da literatura, já durante a adolescência e depois se expandiu para outras manifestações artísticas e finalmente para o teatro, arte que escolhi para trabalhar durante cerca de uma década e que me possibilitou muitas leituras e vivências dentro e fora dos palcos. Nesse sentido, faz-se imprescindível agradecer à Casa da Ribeira que apoiou a mim e muitos de meus amigos que também seguiram a vida através da arte ou da academia após o desdobramento de nossas escolhas originadas no fazer artístico. Através do teatro me aproximei da literatura francesa através da dramaturgia e segui por outros gêneros escritos em francês em outros países, me aproximando da literatura escrita em português na África o que deu outros olhos para observar nosso fazer literário. Nesse sentido, também gostaria de agradecer a todos os autores que fizeram parte desse percurso que me trouxe a escrever esta dissertação.

Também gostaria de agradecer à CAPES pela bolsa de financiamento que me permitiu, apesar da pandemia que afetou tantos colegas, poder conduzir esta pesquisa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Em tempos em que a educação não é priorizada pelo governo é um privilégio sem igual ser bolsista e poder se dedicar apenas ao estudo. Também gostaria de agradecer ao PPgEL da UFRN e em especial a meu orientador, professor Dr. Orison Bandeira por terem me acolhido e acreditado no meu trabalho. Também gostaria de ressaltar a importância que o professor Dr. Andrey Oliveira e a professora Dr^a. Vanessa Rimbau Pinheiro tiveram nesse processo por suas ideias e observações. Agradeço muito a ambos pela disposição e confiança que tiveram em participar deste trabalho.

Agradeço a minha família que me apoiou nessa empreitada, minha mãe Eva Maria Galdino e meu segundo pai Exedito Xavier, assim como a meus irmãos Danilo, João Henrique, Laura e Lorena pelo apoio que deram. A meus sobrinhos,

Ana Livia e Guilherme, que me deram mais trabalho do que apoio, mas que deixaram mais leves muitos momentos da escrita desta dissertação, embora talvez eles nunca cheguem a ler estas páginas. Agradeço a meus amigos que me apoiaram seja nos estudos seja apenas com sua companhia e amizade. São muitos, mas gostaria de agradecer em especial Amsterdam, Thamy, Layon, todas as Alines, Lena, Novato, Débora, Clarice, Francisco, Dani, Damácio, Hermínio, Paulo, Thamires, Sandy, Mariza, Ketyane, Andrielly, Ana, Priscila, Joyce, Nicole, Leonardo, Lauanny, Inès, Vincent, Izabel, Malu, Morena, Belchior, Thiago, Maria Livia, Henrique, Jessica e tantos outros que não há como citar. Sem suas presenças e palavras não só não teria terminado este trabalho como não teria sequer o começado.

Agradeço a todos os professores que passaram na minha vida em todas as instituições em que já estudei. Professores que não só me ensinaram, mas que também conversaram e me incentivaram nas artes, nos estudos e na vida. A meus colegas professores da PROFARN, nossa associação de professores do RN, da qual faço parte, e que espero possamos crescer mais. Assim como também agradeço a todos aqueles de quem já fui professor por me mostrarem os prazeres e dificuldades do fazer docente, mas que me fazem cada vez mais acreditar na transformação que a educação pode gerar nas pessoas.

Agradeço, por fim, todos que foram agentes de mudança para mim e me ajudaram a chegar onde cheguei e a avançar ainda mais.

*"You can't help it. An artist's duty, as far as I'm concerned, is to reflect the times."
(Nina Simone)*

RESUMO

A sociedade tem um papel fundamental na maneira como as obras são pensadas e produzidas, tendo relações importantes tanto com a produção das obras como com as maneiras como são lidas em seu tempo e posteriormente, a partir de suas posições ideológicas. Nesta perspectiva, esta dissertação tem como propósito discutir as relações dialógicas/ideológicas entre os romances *Les Choses*, de 1965, de Georges Perec, e *O Desejo de Kianda*, de 1996, de Pepetela. Analisamos estes dois romances, buscando perceber de que forma os protagonistas agem responsabilmente em relação aos discursos e sistemas ideológicos que são ali representados. Para tanto, analisamos as obras supracitadas com base em conceitos do Círculo de Bakhtin, dos quais destacamos o heterodiscurso em Bakhtin (2017c) e a ideologia em Volóchinov (2017 e 2019) e Bakhtin (2019), em diálogo com discussões sobre a ideia de ideologia oriundas da tradição marxista e consciência e ideologia em Marx (2008) e Marx e Engels (2007). Como chaves de análise observamos a aceitação/submissão dos discursos ideológicos por parte dos protagonistas, seu questionamento e/ou aceitação parcial, e, por fim, sua negação/rejeição. Com esta análise, percebemos as aproximações existentes nos romances selecionados que embora separados temporal e geograficamente, compartilham discursos e sistemas ideológicos próximos. Ademais, as ações responsivas das personagens, em ambas as obras, além de refletirem e refratarem as sociedades nas quais foram produzidas, sendo uma forma de melhor compreendê-las, também demonstram a dificuldade de se opor às forças ideológicas dominantes, mas dando margem para que sejam questionadas e até mesmo contestadas. Deste modo, percebemos que através da literatura estrangeira, pode-se discutir ações para compreensão de obras da literatura nacional (BAKHTIN, 2017a).

PALAVRAS-CHAVE: Pepetela. Perec. Círculo de Bakhtin. Ideologia. Literatura comparada.

ABSTRACT

Society plays a fundamental role in the way the works are thought out and produced and establishes important relations with the production of the works and the ways they are read in their time and later, from their ideological positions. In this perspective, this thesis aims to discuss the dialogical / ideological relations between the novels *Les Choses*, published in 1965 by Georges Perec, and *O Desejo de Kianda* published in 1996 by Pepetela. We analyzed these novels, trying to understand how the protagonists act responsively in relation to the discourses and ideological systems that are represented in the literary works. To this end, our analysis was based on concepts from the Bakhtin Circle, out of which we highlight heterodiscourse in Bakhtin (2017c) and ideology in Volóchinov (2017 and 2019) and Bakhtin (2019), in dialogue with discussions about the idea of ideology from the Marxist tradition and consciousness and ideology in Marx (2008) and Marx and Engels (2007). As keys of analysis we observe the acceptance / submission of ideological discourses by the protagonists, their questioning and / or partial acceptance, and, finally, their denial / rejection. With this analysis, we perceived the existing similarities between the selected novels that, although temporally and geographically separated, share discourses and similar ideological systems. Furthermore, the responsive actions of the characters in both works, in addition to reflecting and refracting the societies in which they were produced, being a means to better understand them, also demonstrated the difficulty in opposing the dominant ideological forces, but opened the door to their being questioned or even contested. Thus, we realized that through foreign literature, actions to understand works of national literature can be discussed (BAKHTIN, 2017a).

KEYWORDS: Pepetela. Perec. Bakhtin Circle. Ideology. Comparative literature.

RÉSUMÉ

La société a un rôle fondamental à la manière comme les œuvres littéraires sont pensées et produites, elle a des liens importants aussi bien avec la production des œuvres qu'avec les manières qu'elles sont lues dans son temps et par la suite, à partir de ses positions idéologiques. Dans cette perspective, cette thèse de master a comme objectif discuter les relations dialogiques/idéologiques entre les romans *Les choses*, de 1965, de Georges Perec, e *O Desejo de Kianda*, de 1996, de Pepetela. Nous examinons ces deux romans, en cherchant de comprendre de quelle façon les protagonistes agissent responsivement en relation aux discours et systèmes idéologiques qui y sont représentés. À cette fin, nous examinons les romans précités avec le soutien des concepts du Cercle de Bakhtine, des quels nous mettons en évidence le hétéro-discours en Bakhtine (2017c) et l'idéologie en Volochinov (2017 et 2019) et Bakhtine (2019) en dialogue avec les discussions à propos de l'idéologie venant de la tradition marxiste et conscience et idéologie en Marx (2008) et Marx et Engels (2007). Comme clés d'analyse, nous observons l'acceptation/soumission des discours idéologiques de la part des protagonistes, la mise en question et/ou acceptation partielle de ce discours et, à la fin, sa négation/refus. Avec cette analyse nous observons les proximités existantes aux romans sélectionnés que malgré si éloignés dans le temps et dans l'espace, partagent des discours et des systèmes idéologiques proches. En outre, les actions responsives, dans les deux œuvres, en plus de réfléchir et réfracter les sociétés dans lesquels elles ont été produites, en étant une manière de mieux les comprendre, montrent aussi les difficultés de s'opposer aux forces idéologiques dominantes, mais en laissant marge pour qu'elles soient questionnées ou même contestées. Ainsi nous réalisons que à travers la littérature étrangère, il est possible de discuter des actions pour que nous puissions comprendre mieux les œuvres de la littérature brésilienne (2017a).

Mots-clés: Pepetela. Perec. Cercle de Bakhtine. Idéologie. Littérature comparée.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCEP – *Contribuição à Crítica da Economia Política*

DI – Discurso ideológico

LC – Literatura Comparada

MPLA – Movimento pela Libertação de Angola

Oulipo – *Ouvroir de Littérature Potentielle*

UNITA – União Nacional para Independência Total de Angola

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 2 DISCUSSÕES INICIAIS SOBRE IDEOLOGIA..... | 20 |
| 2.1 Primeiros usos do termo..... | 20 |
| 2.2 Ideologia em Marx e na crítica marxista/marxiana..... | 23 |
| 2.3 Ideologia e linguagem no Círculo de Bakhtin..... | 27 |
| 3 A PERSONAGEM IDEOLÓGICA E A PERSONAGEM NAS OBRAS..... | 33 |
| 3.1 Os discursos na formação ideológica do personagem..... | 33 |
| 3.2 Perec e sua obra..... | 37 |
| 3.3 Pepetela e sua obra..... | 41 |
| 3.4 Os autores e seu tempo..... | 46 |
| 4 POSICIONAMENTOS RESPONSIVOS DAS PERSONAGENS EM PEREC E PEPETELA..... | 52 |
| 4.1 Aceitação/submissão da ideologia..... | 53 |
| 4.2 Questionamento da ideologia..... | 63 |
| 4.3 Rejeição da ideologia..... | 75 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 84 |
| REFERÊNCIAS..... | 88 |

1 INTRODUÇÃO

A literatura comparada (doravante LC) é uma disciplina dos estudos literários que abarca uma área de atuação muito ampla e difícil de delimitar perfeitamente. Uma forma simples, e simplista, de defini-la é pensá-la como o estudo de duas obras literárias comparativamente (como seu próprio nome indica). No entanto, essa definição acaba deixando de lado importantes nuances desta área, pois em “síntese, a comparação, mesmo nos estudos comparados, é um meio, não um fim” (CARVALHAL, 2006, p. 7). Além disso, a LC vive constantes transformações desde sua formalização como área de estudos no século XIX.

Segundo Nitrini (1997), a LC teve início já na Grécia antiga, como um desdobramento do próprio pensar literário ao se deparar com as literaturas produzidas por outros povos. Porém, em fins do século XIX e início do XX, a LC passa a ter um viés mais historicista e “investigativo”, interessando-se em buscar influências nas obras estudadas. Estas buscas acabavam por dividir a literatura em dois grupos, havendo uma literatura “maior” (a ocidental influenciadora) e uma menor (as demais, em especial as da América Latina e África, mas não apenas). Essa visão da LC permanece até os anos 1950, quando começa a ser criticada por alguns autores (NITRINI, 1997; COUTINHO, 2003). A partir da segunda metade do século XX, os estudos em LC começam a questionar essa visão principalmente nos Estados Unidos, mas também na França, propondo um “modelo supranacional, ligado às questões mais gerais das literaturas, à crítica e à teoria literária” (NITRINI, 1997, p. 31). Outra contribuição importante para o desenvolvimento da LC veio do leste europeu, em especial da antiga União Soviética, onde elementos sociais e históricos também começam a ser considerados na crítica e leitura literárias devido, em grande parte, à influência do marxismo.

Apesar de esta visão socializante da LC, e da análise literária em geral, só ter chegado à Europa e aos Estados Unidos na segunda metade do século XX, seu desenvolvimento se deu desde o início do século. Entre os estudiosos soviéticos que se destacaram, os mais importantes para a LC são os membros do Círculo de Bakhtin, grupo de intelectuais de várias áreas do conhecimento que se reuniam para discutir, entre outros temas, a linguagem e suas manifestações, dos quais se

destaca Mikhail Bakhtin, que empresta o nome ao grupo. O Círculo propõe que a análise literária, e de qualquer linguagem, ponha em evidência não apenas o texto em si (como os estruturalistas e formalistas vinham fazendo), mas que também leve em consideração as realidades sociais e históricas ligadas à percepção e criação da obra, pois a linguagem não existe em separado da vida (BAKHTIN, 2017a). Ao analisar comparativamente as produções literárias, desta forma, faz-se necessário também levar em consideração suas culturas, não somente considerando apenas as semelhanças ou distanciamentos das obras estudadas, mas confrontando-as, pois a “História não é exterior ao sentido, mas é interior a ele, pois ele é que é histórico, já que se constitui fundamentalmente no confronto, na contradição, na oposição das vozes que se entrecrocaram na arena da realidade” (FIORIN¹, 2006, p. 59), observando seus pontos de tensão. Vale ressaltar, entretanto, que apesar de sua importância para os estudos e desenvolvimento da LC, o Círculo não se debruça especificamente sobre os estudos literários, sendo apenas uma das áreas discutidas pelo grupo.

Ao se trabalhar a LC nessa relação de tensão, tem-se tanto um encontro quanto um confronto entre estas literaturas, o chamado “cotejo” ou confroencontro (ANDREIS, 2014). Diferente de uma simples comparação, o confroencontro é um correlacionamento (BAKHTIN, 2017b) dos posicionamentos – no caso de ideologias, sendo, assim, posicionamentos axiológicos – das/nas obras estudadas. Esta perspectiva se desenvolveu de forma importante nos trabalhos dos autores do chamado Círculo de Bakhtin. Segundo ela, a linguagem e suas manifestações (textos/enunciados) fazem parte da realidade concreta, pois ela age histórica e socialmente através das ideologias (VOLÓCHINOV, 2017).

Embora muito utilizada, a palavra ideologia possui diversos significados dependendo da linha teórica empregada. Nas correntes de pensamento de linha marxista, a ideologia são, de modo extremamente resumido, as estruturas sociais que moldam o funcionamento da sociedade, permitindo, assim, a alienação e a falsa consciência (ENGELS, MARX, 2007; MARX, 2008). Já Bakhtin utiliza esse termo em um sentido relativamente próximo, mas mais específico, também havendo a ideia de estruturas (formação ideológica), no entanto, pensando em seus valores

1 José Luiz Fiorin, apesar de ser um linguista, traz várias contribuições para o dialogismo a partir das leituras que faz das obras do Círculo. Embora pensadas no ambiente da linguística, suas observações e discussões também são muito úteis ao se pensar o texto literário.

sociohistóricos: para o Círculo, é através dos e nos valores ideológicos que os diferentes enunciados/textos/discursos ganham sentidos (VOLÓCHINOV, 2017). O discurso dominante se apresenta não apenas de modo marcado e facilmente perceptível, sendo muitas vezes confundido com o próprio discurso do dominado, que o perpetua sem a intenção ou se crendo parte deste discurso. Neste sentido, Bakhtin fala de heterodiscursividade, quando dois ou mais discursos (vozes, línguas, linguagens, estilos, etc.) se manifestam em um mesmo texto/enunciado, no nosso caso em particular, no romance. Os discursos não se apresentam de forma pura, sendo sempre permeados ou estando em relação com outros discursos, caso do discurso dominado/dominador da perspectiva marxista que é permeado pelo discurso/ideologia do dominador/dominado. Este discurso pensado pela ideologia marxista também dialoga com as ideias de discursos autoritário e internamente persuasivo pensados por Bakhtin (2017c)². De forma resumida, em ambos os casos, há um discurso no qual um segundo discurso proveniente de outrem interage, seja de forma dominadora explícita no primeiro caso, seja de forma sutil e implícita, muitas vezes difícil de se diferenciar do outro discurso, no caso do segundo. Para exemplificá-los, podemos citar o discurso religioso com seus dogmas no discurso autoritário. Ainda tomando como exemplo o discurso religioso, tem-se a ideia da tradição católica de uma família patriarcal e hierárquica que acaba permeando outros discursos sem que sejam notados, no discurso internamente persuasivo.

Tanto Marx quanto Bakhtin e o Círculo discutiram as ideias relativas à ideologia e aos discursos entre o fim do século XIX e início do século XX. Entretanto, apesar das décadas que separam ambos os pensadores e estas primeiras décadas do século XXI, ambos os pensamentos ainda são muito valiosos para compreender a produção literária realizada posteriormente. Tendo em vista esta relevância e pensando na última metade do século XX – para se ter um recorte temporal relativamente amplo, mas não tão afastado de nossos dias –, podemos observar como autores que foram de algum modo importantes em seus respectivos e distintos países e idiomas representaram³ estas ideologias em suas obras. Para tanto, fazem-

2 Estes termos serão mais explorados posteriormente na seção 3.1.

3 Vale destacar que, em Bakhtin, a representação sempre é uma refração, ou seja, uma interpretação a partir da posição ideológica/axiológica de seu autor. Optamos por usar os termos “representar” e “representação” por ser utilizado também pelo autor russo [“A representação de semelhante linguagem no romance é a representação de um horizonte social, de uma ideologema social, que cresceu integrado à sua palavra, à sua linguagem” (BAKHTIN, 2017c, p. 153)]. Dessa forma, ao utilizarmos o verbo “representar” ou o substantivo “representação”, estamos utilizando no sentido bakhtiniano de refração.

se mister autores e obras que sejam mutuamente contemporâneos, mas que mesmo assim respeitem certas singularidades geográficas e linguísticas. Deste modo, pode-se perceber melhor como as ideias do Círculo e da tradição marxista não foram datadas no momento em que foram pensadas. Tendo em vista este ponto, faz-se necessário apresentar os autores que serão aqui estudados, a saber, Georges Perec e Pepetela.

Georges Perec é um escritor francês de origem judia que teve uma grande produção em diversos gêneros textuais (não só literários), sendo considerado como um dos mais importantes autores do pós-guerra francês. Sua primeira obra foi lançada em 1965, um romance chamado *Les Choses – Une histoire des années soixante* (*As Coisas – Uma história dos anos sessenta*), que narra a história de um casal parisiense que vive as incertezas de uma vida mundana comum em uma Paris da segunda metade do século XX. Perec foi um autor que escreveu uma grande quantidade de obras bastante diversificadas, apesar de ter morrido pouco tempo após sua primeira publicação. Essa diversidade de produções foi vista como problemática pelos editores de Perec, pois cada obra era completamente diferente da anterior. Entretanto, foi esta mesma diversidade que chamou a atenção do grupo francês Oulipo (*Ouvroir de Littérature Potentielle*, ou Oficina de Literatura Potencial em português) que convida Perec a integrá-lo em 1967. O Oulipo havia sido fundado alguns anos antes da estreia de Perec, em 1960, pelo escritor Raymond Queneau e pelo matemático François Le Lionnais com o intuito de potencializar a literatura através de jogos literários influenciados pela matemática e pelo humor. Além destes, outros importantes autores da segunda metade do século também fizeram parte do grupo, como Marcel Bénabou, Jacques Roubaud, Hervé Le Tellier e Ítalo Calvino. Foi no Oulipo que Perec escreveu algumas de suas obras mais originais e experimentais, incluindo sua obra mais conhecida e traduzida *La Vie: Mode d'emploi* (*A Vida: Modo de usar*), de 1978.

Pepetela, pseudônimo do angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, é um escritor ainda vivo e atuante. Pepetela é um ex-guerrilheiro que lutou contra o governo colonial português na guerra de libertação de Angola (1961-1974), e suas primeiras obras eram produzidas nos acampamentos dos guerrilheiros entre uma batalha e outra. Desta época se destacam *As Aventuras de Ngunga* (1972), escrita durante a guerra como panfleto utilizado no ensino de guerrilheiros, e

Mayombe (1979), obra mais conhecida do angolano, baseada nos relatos e relatórios oficiais da guerra, e, por causa disso, só seria publicada anos após a independência de Angola. Após o fim da guerra, Pepetela passa a fazer parte do governo nacional, desligando-se em seguida após denúncias de corrupção e desiludido com alguns rumos que o governo estava tomando. Neste período, Pepetela escreve e publica *O Desejo de Kianda* (1996), romance que narra a ascensão de um casal angolano após a independência do país e em meio à política e seu novo governo, ao mesmo tempo em que um misterioso fenômeno começa a derrubar os prédios do centro de Luanda.

Tanto Péric quanto Pepetela são autores incontornáveis do período recente de seus respectivos países, e mesmo de suas línguas, sendo, portanto, autores muito importantes para se observar como a produção literária destes distantes países tem sido realizada nas últimas décadas. Ambos os autores possuem uma grande influência para a produção literária e formação leitora de seus países, sendo estudados nas escolas e possuindo muitos leitores especializados e não especializados. Deste modo, através de suas obras, pode-se vislumbrar como as produções literárias se deram no fim do século passado, tendo em vista, inclusive, que suas influências ainda são fortes em ambos os países. Os romances escolhidos para serem estudados nesta pesquisa são *Les Choses*, de Péric, e *O Desejo de Kianda*, de Pepetela. Ambas as obras representam visões de mundo distintas e interessantes sobre as maneiras em que os personagens se portam responsabilmente perante suas cidades e observar como estas obras refratam suas realidades, pode ajudar-nos a compreender melhor a nossa própria.

Por se tratarem de autores muito conhecidos e já estabelecidos com obras bastante influentes tanto em seus países como em seus idiomas em geral, as pesquisas sobre suas obras são constantes e abordam muitos temas dentro de seus próprios universos narrativos. Há alguns temas que são mais recorrentes na crítica sobre estes dois autores. No caso de Pepetela, por exemplo, está sua relação com a história recente de seu país como visto nas obras de Pinheiro (2011), Vidal (2013) e Castilho (2018). Já para a crítica de Péric, os autores tendem a discutir temas ligados à psicanálise e à própria história do autor, como em Camargo (2008) e Amaral (2018). Além da importância de suas próprias histórias em suas obras percebidas por analistas de ambos autores, outro tema também muito estudado é o

gosto pela paródia e pela subversão dos gêneros literários como se pode ver em Griolin (2013) sobre a obra de Pepetela e em Fux (2010)⁴ sobre a obra de Perec. Apesar de terem produzido em épocas próximas e sobre temáticas similares, não encontramos estudos comparativos entre os dois autores, não havendo publicações como dissertações ou teses pondo-os em relação. Embora relevantes escritores, há poucos trabalhos que os consideram a partir da perspectiva bakhtiniana, dos quais destacamos, os artigos sobre polifonia em Miranda (2013) e discurso de um ponto de vista do colonialismo em Silva (2013) e Nassr (2016) sobre a obra de Pepetela, e sobre a obra de Perec, o artigo tratando sobre a intertextualidade e elementos do gênero romance de Pino (2006) e as dissertações sobre os mesmos temas de Araújo (2008) e Carneiro (2015). Ambos os autores explicitam, em suas obras, refrações de como suas sociedades se estruturavam, representando seus personagens agindo responsivamente em relação às ideologias refratadas nas obras. Deste modo, a abordagem do Círculo de Bakhtin se mostra especialmente relevante e necessária ao se analisar as obras aqui propostas.

Tendo em vista a perspectiva do Círculo de Bakhtin em diálogo com as ideias da crítica marxista/marxiana, investigaremos como as ideologias são representadas nas obras escolhidas e de que maneiras as protagonistas interagem entre si e (re)agem responsivamente em relação aos discursos (dominantes/dominados) presentes nos romances. Deste modo, a discussão sobre discurso e ideologia de Volóchinov (2017) e Bakhtin (2017c; 2010) guiará a reflexão realizada nesta pesquisa, pensando em como estas obras refletem e refratam o heterodiscurso⁵ das classes dominantes e como os protagonistas se posicionam responsivamente em relação à ideologia/discurso dominante. Deste modo, pretendemos responder às seguintes questões: como as obras refletem e refratam as ideologias dominantes em

4 Esta tese é importante nos estudos sobre Perec e o Oulipo no Brasil por ter sido um dos primeiros textos acadêmicos especializados sobre o autor em língua portuguesa em nível de doutorado, além de tratar sobre outra importante temática de sua obra comparativamente com a obra de Jorge Luis Borges, a matemática.

5 Segundo Paulo Bezerra, heterodiscurso ou diversidade de discursos, tradução de *raznorétchie* é a “discrepância de palavras, de sentidos, diferença de opiniões, de avaliações; divergência. Na terminologia bakhtiniana, heterodiscurso inclui: dialetos sociais, maneiras de grupos, jargões profissionais, as linguagens dos gêneros, das gerações e das faixas etárias, das tendências e dos partidos, as linguagens das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, dos dias sociopolíticos e até das horas. Em suma trata-se de um heterodiscurso social que traduz a estratificação interna da língua e abrange a diversidade de todas as vozes socioculturais em sua dimensão histórico-antropológica, fecunda a linguagem da prosa romanesca através da dissonância individual de cada autor em relação ao conjunto do processo literário” (BEZERRA, 2017, 246-7). Este termo ainda será abordado posteriormente na seção 3.1.

seus heterodiscursos? Como os protagonistas se posicionam em relação à ideologia e aos discursos dominantes? Deste modo, podemos observar a partir deste olhar na literatura estrangeira, de que maneira estes discursos ocorrem nos grupos sociais no Brasil.

Para responder a estas questões, levaremos em consideração, em nossa análise, as ações responsivas⁶ dos protagonistas dos romances selecionados em relação à(s) ideologia(s) dominantes em cada obra. Baseando-se em Bakhtin (2017c), teremos as seguintes formas de (inter)ação com esses discursos dominantes que serão usadas como categorias de análise: sua aceitação/submissão por parte dos protagonistas, seu questionamento e/ou aceitação parcial, e, por fim, sua negação/rejeição. Ao realizarmos esta leitura, poderemos observar não apenas como as ideologias são representadas nos romances estudados no corpus, mas também como estas ideologias são respondidas pelas personagens nesse mundo representado.

Nosso objetivo é, portanto, o de aprofundar as discussões acerca dos autores aqui pesquisados, acrescentando a sua crítica ideias advindas do Círculo de Bakhtin em diálogo com o pensamento sobre ideologia do marxismo. Ler ambos os autores numa perspectiva dialógica é muito importante, pois é possível perceber elementos narrativos que não seriam notáveis ao lê-los separadamente. Para responder a estas perguntas a partir das categorias de análise e atingir este objetivo, discutir-se-á a questão da ideologia marxista/falsa consciência da crítica marxista, chegando às discussões de Volóchinov em diálogo com o heterodiscurso bakhtiniano.

Para tanto, este trabalho será dividido da seguinte maneira: em um primeiro momento, serão discutidos respectivamente os conceitos de ideologia, sua história, sua aplicação no discurso marxista, chegando às ideias de ideologia, de heterodiscurso e os discursos autoritário e internamente persuasivo do Círculo de Bakhtin. Na seção seguinte, discutiremos a formação ideológica da personagem em uma perspectiva bakhtiniana, apresentaremos os romances e os autores mais pormenorizadamente e discutiremos sobre o contexto de produção de suas obras. Na seção seguinte, analisaremos ambas as obras, discutindo como as personagens

⁶ Bakhtin desenvolve esta ideia principalmente em *Para uma filosofia do ato*. No entanto, a ideia de que se age de forma responsiva e responsável atravessa toda a obra bakhtiniana. Trataremos sobre isso na seção 3.2.

são representadas de forma a aceitar/se submeter à ideologia dominante; em seguida, como ocorre o questionamento e/ou aceitação parcial destas ideologias, e, por fim, como a representação negação/rejeição destas ideologias ocorre e de que forma; por fim, concluiremos esta dissertação, respondendo às perguntas de pesquisa e trazendo nossas observações e considerações finais com possibilidades de continuação para nosso trabalho.

A análise dialógica destas obras, apoiada nos pensamentos críticos sobre a ideologia e discurso (tanto nos sentidos marxista quanto bakhtiniano) e na preocupação de auxiliar a leitura e destes romances, pode apontar caminhos interessantes para compreender como estas obras representam e refratam a realidade em que foram escritas. Estas discussões, longe de serem apenas exercícios intelectuais sem valor prático, auxiliam a leitura nos dias atuais de toda uma gama de produções literárias estrangeiras, podendo mesmo auxiliar a compreensão de nossa própria literatura, língua e sociedade. O encontro entre as literaturas e em consequente entre as culturas enriquece ambas mutuamente (BAKHTIN, 2017a). Deste modo, pensar a literatura produzida fora do Brasil, mesmo que em língua portuguesa, é um caminho importante para que se possa (re)pensar e (re)conhecer nossa própria produção literária.

2 DISCUSSÕES INICIAIS SOBRE IDEOLOGIA

Com o passar do tempo e com os diferentes pensadores que discutiram o conceito de ideologia, seus usos e sentidos acabaram por sofrer várias mudanças. Por vezes com empregos extremamente positivos e outras vezes extremamente negativos, há também ocasiões em que se trata apenas de um termo neutro⁷. No momento em que este texto está sendo escrito, por exemplo, o termo “ideologia” costuma ser empregado popularmente de forma depreciativa por figuras políticas para criticar ações e opositores, com usos bastante distintos dos entendidos em áreas das ciências sociais. Tendo em vista suas diferentes formas de uso e sua importância neste trabalho, discutiremos algumas de suas concepções, inicialmente através das origens históricas do termo, comentando seus primeiros usos, seguindo por seus sentidos na tradição marxista e por fim com seus desdobramentos no Círculo de Bakhtin, sendo estes dois últimos os eixos que nortearão esta pesquisa.

2.1 Primeiros usos do termo

Embora possua um grande uso nas ciências humanas, o termo ideologia ainda é empregado com uma grande variedade de sentidos, como já sinalizado acima. No senso comum, ideologia tem o sentido de um conjunto de ideias que uma pessoa ou um conjunto de pessoas mais ou menos homogêneo possui. Tal emprego desta palavra costuma ter um uso relativamente neutro, mas tem sido empregado frequentemente de forma pejorativa, pois este(s) conjunto(s) de ideias estaria(m) nublando o pensamento dos indivíduos⁸.

Esta grande gama de sentidos não é verificada apenas no discurso cotidiano, como atesta os filósofos políticos italianos que organizaram o *Dicionário de Política*,

7 A palavra “neutro” está sendo usada nesta seção com o sentido de “sem valor negativo, nem positivo” em relação ao substantivo *ideologia* tal qual se costuma utilizar na crítica marxista ao se falar sobre o conceito de ideologia em Marx. Não é entendido aqui em seu sentido bakhtiniano.

8 Esta ideia pode até ser mesmo observada em dicionários, como é o caso do Michaelis que entre as acepções de *ideologia* apresenta o seguinte verbete: “PEJ Conjunto de concepções abstratas que constituem mera análise ou discussão sem fundamento de ideias distorcidas da realidade.” IDEOLOGIA. In: MICHAELIS da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramento, 2020. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=ideologia>. Acesso em: 11 abr 2020.

(1998) Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino. Ao discorrerem sobre o termo “ideologia”, os autores afirmam que tanto

na linguagem política prática, como na linguagem filosófica, sociológica e político-científica, não existe talvez nenhuma outra palavra que possa ser comparada à Ideologia pela frequência com a qual é empregada e, sobretudo, pela gama de significados diferentes que lhe são atribuídos (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 585).

Esta grande variedade de usos e sentidos não é recente e começou pouco tempo após a criação do termo. Porém, como é dito ainda no *Dicionário de Política*, existem duas tendências distintas de sentidos para “ideologia”, sendo que em uma este termo “designa o *genus*, ou a *species* diversamente definida, dos sistemas de crenças políticas: um conjunto de ideias e de valores respeitantes à ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos coletivos” (p. 485) e na outra, o termo é compreendido no sentido da tradição marxista/marxiana como a relação de domínio entre as classes, representando assim uma “falsa consciência” relacionando opressores-oprimidos e “se diferencia claramente do primeiro porque mantém, no próprio centro, diversamente modificada, corrigida ou alterada pelos vários autores, a noção da falsidade: a Ideologia é uma crença falsa” (p. 485) e, sendo assim, pode ser contrastada com a realidade.

Através das discussões da tradição marxista, a ideia de ideologia foi amplamente discutida, valendo a pena nos demorarmos um pouco mais nela. O *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano, afirma que atualmente por ideologia “entende-se o conjunto dessas crenças, porquanto só têm a validade de expressar certa fase das relações econômicas e, portanto, de servir à defesa dos interesses que prevalecem em cada fase desta relação” (ABBAGNANO, 2007. p. 532). Partindo desta ideia, a ideologia passa a ser compreendida como uma “teoria não-científica”, ou seja, que não se explique pela lógica ou experimentos, possuindo apenas a função de *persuadir* (ABBAGNANO, 2007). A ideologia, portanto é a relação de crenças usadas para o controle (através da persuasão) das ações dos indivíduos,

Entendido nesse sentido, o conceito de I[deologia] é puramente formal, uma vez que pode ser vista como I[deologia] tanto uma crença fundada em elementos objetivos quanto uma crença totalmente infundada, tanto uma crença realizável quanto uma crença irrealizável. O que transforma uma crença em I[deologia] não

é sua validade ou falta de validade, mas unicamente sua capacidade de controlar os comportamentos em determinada situação. (ABBAGNANO, 2007, p. 532)

Como visto, ideologia tanto para as ciências políticas quanto para a filosofia tem sentidos próximos. Além destas duas ciências, esse termo também é muito caro para a sociologia, por isso é válido observar também um dicionário desta área. No *Dicionário de Sociologia*, de Allan G. Johnson (1997), apenas o sentido ligado ao marxismo é comentado, ainda como o conjunto de crenças, valores e atitudes culturais de uma determinada sociedade. Mas este dicionário acrescenta à discussão que a ideologia serve para legitimar o *status quo* ou os movimentos que produzam mudança (JOHNSON, 1997). Esta acepção dá ao termo ideologia uma ideia de movimento que não havia nas concepções dos dicionários de política e de filosofia. Deste modo, a ideologia não é apenas uma forma de perceber o mundo, mas sim uma maneira de (inter)agir nele.

Apesar dessas discussões acerca dos empregos do termo ideologia e antes de toda esta diversidade de usos, a palavra ideologia surgiu com um sentido bastante preciso na França, ainda durante seu período revolucionário, na obra do filósofo iluminista Destutt de Tracy⁹. De Tracy cunha o termo em seu *Eléments d'Idéologie* (Elementos de Ideologia, em português) e juntamente a outros intelectuais da época procura criar uma “ciência das ideias”, constituindo “a corrente filosófica que marca a transição do empirismo iluminista para o espiritualismo tradicionalista e que floresceu na primeira metade do séc. XIX” (ABBAGNANO, 2007. p. 591). Esta ciência cunhada pelos ideólogos, como se chamavam os pensadores desta corrente, se alinhava ao pensamento racionalista do iluminismo e tentava dar uma maior cientificidade na análise sistemática das ideias e sensações (THOMPSON, 2011). Entretanto, grande parte dos ideólogos, apesar de seu primeiro apoio à Revolução Francesa, por serem, em sua maioria, nobres, acabaram por romper suas relações com a Revolução. Neste contexto, o termo passa a ser empregado de forma pejorativa, sendo utilizado pelo próprio Napoleão Bonaparte ao criticar seus outrora aliados. Para Napoleão, a ideologia era algo negativo, pois não

9 A filósofa brasileira Marilene Chauí em sua contribuição para a coleção Primeiros Passos, faz um resumo bastante didático da gênese deste termo até seu emprego por Marx, apresentando alguns elementos que escolhemos não abordar aqui. Para mais informações sobre a origem do termo partindo do ideólogo de Tracy até os usos de Marx, ver Chauí (2006).

teria nenhuma relação com o real, ficando apenas no campo das ideias. Deste modo, ela seria apenas “um termo abusivo que mostrava o vazio, a preguiça e a sofisticação de certas ideias” (THOMPSON, 2011, pág. 43) e que não teria utilidade para entender nem as ideias e nem tampouco o mundo real.

Estas duas primeiras concepções do termo ideologia foram utilizadas e ampliadas posteriormente, ora de forma neutra com o sentido de conjunto de ideias ou formas de pensar, ora de forma negativa (como usado por Napoleão) com o sentido de ideário ou de pensamento longe da realidade. Foi partindo desta discussão que os jovens Karl Marx e Friedrich Engels resgataram este termo ao discutir as ideias de sua época e suas aplicabilidades concretas. E é nesta perspectiva que o termo ideologia passa a ser mais empregado e (mais ou menos) compreendido atualmente tanto na vida cotidiana quanto por pesquisadores das ciências humanas.

2.2 Ideologia em Marx e na crítica marxista/marxiana¹⁰

Ideologia é um termo que apesar de pouco trabalhado diretamente por Marx e Engels em suas obras, acabou sendo de primordial importância para compreensão de seus trabalhos. Além disso, embora não seja originado diretamente das obras destes dois autores, é de suma importância e central no pensamento crítico posterior tanto para aqueles que concordam com a visão marxista quanto para aqueles que a negam.

O conceito de ideologia aparece em apenas alguns momentos na obra de Marx, sendo especialmente desenvolvido primeiramente, de uma maneira neutra, sem ideia de valoração, em sua *Contribuição à Crítica da Economia Política*¹¹ (2008) (doravante *CCEP*), com sua primeira publicação em 1859, e com uma concepção

10 Apesar de próximos e muitas vezes intercambiáveis, os dois termos não significam exatamente o mesmo não podendo ser utilizados como sinônimos em todas as ocasiões. O termo “marxiano” se refere a todo e qualquer texto escrito pessoalmente por Karl Marx (mesmo os textos de Engels não são considerados aí), enquanto que o termo “marxista” se refere aos desdobramentos do discurso iniciado por Marx e Engels, como por exemplo as obras de György Lukács, Louis Althusser e Antonio Gramsci, para citar alguns conhecidos autores que contribuíram no desenvolvimento do discurso marxista, mesmo que algumas de suas ideias se afastem das originalmente defendidas por Marx, ainda se apoiam nas discussões iniciadas por ele.

11 No original em alemão: *Kritik der Politischen Ökonomie*.

negativa na obra em que escreveu conjuntamente com Engels, a *Ideologia Alemã*¹² (2007), cujo manuscrito foi finalizado em 1846, porém sua publicação só ocorre após a morte de Marx, possuindo várias versões com partes adicionais e/ou corrigidas, sendo finalizada apenas em 1933. Apesar de se apresentar de uma forma “neutra” e uma “negativa”, a ideia de ideologia não varia conceitualmente, com diferenças apenas em sua aplicabilidade prática, representando o conjunto de ideias, ou como sua “consciência” se organiza, de uma determinada sociedade em relação a seus meios de produção. Em outras palavras, a ideologia é a organização do pensamento de uma sociedade (religião, organizações políticas, escola, relações sociais, etc.) que é determinada pelos meios de produção desta sociedade e que, por sua vez, também a determina (MARX, 2008).

A primeira vez que Marx e Engels empregam o termo ideologia, ainda em a *Ideologia Alemã*, resgatando-o de de Tracy, seu sentido se aproximava do utilizado pelos ideólogos franceses: pensar as ideias, no caso a filosofia aí inclusa, de forma racional, mas sem idealismos. A *Ideologia Alemã* possui em si uma grande crítica ao idealismo pós-hegeliano¹³ e de outros filósofos alemães contemporâneos a Marx e este acreditava que era necessário que os pensadores se empenhassem em pensar o material concreto da vida, pois “só é possível conquistar a libertação real [*wirkliche Befreiung*] no mundo real e pelo emprego de meios reais” (ENGELS; MARX, 2007, p. 29). Esta posição dos autores sobre a filosofia e o pensamento da época motivou o que seria conhecido posteriormente como materialismo histórico e dialético, pois todas as ações da consciência humana estariam em uma relação dialética com os meios sociais e históricos no qual os indivíduos vivem.

Marx e Engels (2007) acreditavam que as relações sociais, históricas e econômicas moldavam a forma como as pessoas (inter)agiam em sociedade. São

12 O nome desta obra em sua versão longa é *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. No original alemão seu título é: *Die deutsche Ideologie. Kritik der neuesten deutschen Philosophie in ihren Repräsentanten Feuerbach, B. Bauer und Stirner, und des deutschen Sozialismus in seinen verschiedenen Propheten*.

13 O idealismo é uma forma de compreender a relação entre as pessoas e o mundo, partindo da perspectiva de como os indivíduos pensam o e sobre o mundo, baseada primeiramente nos trabalhos de Platão e Kant. Já o idealismo pós-hegeliano é a filosofia que se desdobra a partir dos trabalhos do filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel, e em menor medida nos trabalhos de Friedrich Hölderlin e Friedrich Schiller, que pensam dialeticamente a relação do homem com o mundo, mas mais ligada às discussões sobre sua história e sua política, e que influenciou vários importantes pensadores posteriores, como Ludwig Feuerbach, Bruno Bauer e o próprio Marx. (ENGELS; MARX, 2007)

estes mesmos fatores que determinam a “consciência” individual. A consciência de si vem da relação do indivíduo com a natureza, de sua forma de trabalho. Nas palavras dos autores,

a consciência já é um produto social e continuará sendo enquanto existirem homens. A consciência é, naturalmente, antes de tudo a mera consciência do meio sensível mais imediato e consciência do vínculo limitado com outras pessoas e coisas exteriores ao indivíduo que se torna consciente. (ENGELS; MARX, 2007, p. 35)

Dessa consciência nascem as divisões de trabalho, a organização da vida com horários, ocupação geográfica, etc. Em outras palavras, o trabalho forma a pessoa, como ela age na sociedade, em que horários, pois a consciência é produto do ser social que é moldado na sociedade (MARX; ENGELS, 2007; MARX, 2008).

Deste modo, há uma relação dialética entre a consciência individual e a ideologia de sua época, pois do mesmo modo que o indivíduo age na sociedade, os fatores sociais forçosamente agem sobre ele em uma constante relação de tensão.

O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. [...]. A transformação que se produziu na base econômica transforma mais ou menos lenta ou rapidamente toda a colossal superestrutura. Quando se consideram tais transformações, convém distinguir sempre a transformação material das condições econômicas de produção – que podem ser verificadas fielmente com ajuda das ciências físicas e naturais – e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas sob as quais os homens adquirem consciência desse conflito e o levam até o fim. (MARX, 2008, p. 47-48. Grifos nossos).

Segundo o que Marx afirma aqui, do mesmo modo que não se pode julgar um indivíduo em razão da percepção que ele tem de si mesmo, também não se pode julgar uma sociedade/época através da percepção (ou mesmo idealização) que ela tem de si mesma.

Em um comentário sobre a *Contribuição à crítica da economia política*, ao comentar esta tese levantada por Marx, Engels (2008) resume de forma bastante eficiente esta ideia:

A tese de que “o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral”, de que todas

as relações espirituais e estatais, todos os sistemas religiosos e jurídicos, todas as ideias teóricas que brotam na história somente podem ser compreendidas quando forem compreendidas as condições sociais de vida da época em questão e quando se conseguir explicar tudo aquilo por estas condições materiais; [...] “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (ENGELS, 2008, p. 276)

Sendo assim, (re)conhecer a ideologia é indispensável para que se compreendam as formas sociais de vida de uma época e sociedade. Mas esse não é o único fator que se relaciona com a formação da consciência individual, pois a alienação age sempre em relação com a ideologia.

A alienação¹⁴ é um processo de não reconhecimento de seu trabalho, o que gera conflito na relação de reconhecimento de si. Sem se perceber em seu trabalho – trabalho que como já dito acima molda a consciência –, o indivíduo acaba apenas se identificando com suas ações mais básicas, apenas saciando-as (comer, beber, dormir, etc.) (MARX 2008). Esta alienação que os trabalhadores sofrem gera uma falta de pertencimento do homem em relação àquilo que ele produz. E são exatamente as relações de poder geradas pelas ideologias que possibilitam que a alienação ocorra, criando, deste modo, um ambiente propício para que haja a possibilidade de reprodução destas mesmas ideologias, ou seja, uma “falsa consciência”.

A falsa consciência é considerada como parte fundamental da ideia de ideologia em Marx, como atestado mais acima por Bobbio (1998) e William (1977), no entanto esta relação não é necessariamente obrigatória (BALDI, 2019). A falsa consciência, assim como a ideologia marxista/marxiana, é a relação entre as superestruturas sociais, históricas e econômicas dominantes que exercem poder sobre a consciência individual. Entretanto, a falsa consciência implica necessariamente em uma relação falseada entre os poderes dominados e dominadores, sendo este o conceito “negativo”, visto em *A Ideologia Alemã* e bastante difundido, enquanto que a ideia vista em *CCEP* é “neutra”, apenas representando os sistemas estruturais (superestruturas) da sociedade, que também são sistemas de dominação, mas que não são necessariamente falsos.

14 Para mais informações sobre o termo “alienação”, recomendamos o verbete no *Dicionário de Política*, de Bobbio, Matteuci e Pasquino que já citamos anteriormente.

Este poder exercido pela ideologia, como já foi dito, age e molda a consciência do indivíduo. No entanto, embora seja um termo que tenha origem e seja de grande importância para as ciências sociais e políticas, seu uso não se restringe apenas a estas. Partindo das ideias pensadas por estas outras ciências, os estudos da linguagem acabaram por adotar e repensar seus usos, pois fatores sociais e históricos obviamente também a afetam. Entre os intelectuais mais importantes que pensaram a linguagem relacionando-a a estes temas, está o grupo de intelectuais russos que ficou conhecido como o Círculo de Bakhtin. O grande diferencial nos trabalhos do Círculo está na ideia, em Bakhtin, de que o indivíduo é responsável e responsivo, não sendo assujeitado pela ideologia. Estes aspectos ontológicos da ideologia em Bakhtin serão abordados a seguir.

2.3 Ideologia e linguagem no Círculo de Bakhtin

A linguagem sempre foi um tema de grande importância e devido a isso tem sido discutida e abordada por vários pensadores e pontos de vista diferentes ao longo dos anos. Uma das referências de maior destaque para os estudos da linguagem a partir de meados do século XX é o Círculo de Bakhtin, nome dado a um grupo de intelectuais russos de vários domínios do conhecimento dos quais se destacaram, para nossa área, Pavel Medvedev (1891-1936), Valentin Voloshinov (1895-1936) e Mikhail Bakhtin (1895-1975), cuja importância da obra deu nome ao grupo. As pesquisas e discussões realizadas por estes intelectuais no início do século passado, depois de sua redescoberta décadas após a morte de vários de seus membros, modificou de forma decisiva a maneira como se percebe e se estuda a linguagem. Em suas obras, Bakhtin e seu Círculo discutiram a linguagem e suas diferentes manifestações, incluindo a linguagem literária e, em particular, o gênero romance.

Para o Círculo a linguagem é algo concreto que se manifesta na vida real de forma histórica e social; desse modo, seus enunciados não podem ser lidos de modo meramente linguístico (VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2013). A linguagem não se separa da ideologia que a preenche, pois é a partir da ideologia que se depreendem os sentidos desta mesma palavra (VOLÓCHINOV, 2017). Neste sentido, faz-se necessário pensar as manifestações linguísticas para além da linguística “pura” dos

estruturalistas, acrescentando os fatores sociais e históricos ao se pensar a linguagem, deste modo, de uma maneira metalinguística¹⁵ (BAKHTIN, 2013). Considerar e refletir sobre as manifestações da linguagem para além de si mesma é essencial para se buscar entender um enunciado. Vale ressaltar que, de forma alguma, Bakhtin e/ou o Círculo desconsideraram a importância da linguística tradicional: apenas afirmavam sua insuficiência ao analisar a linguagem e seus enunciados por desconsiderar o extralinguístico (BAKHTIN, 2013). No entanto, ainda assim, afirmavam sua importância e necessidade na análise um enunciado (VOLÓCHINOV, 2017).

Antes de discutir o pensamento sobre ideologia do Círculo de Bakhtin, é importante tratar de algumas ideias que funcionam como base para as discussões do círculo e para esta pesquisa. Antes de tudo, um dos principais pontos do pensamento bakhtiniano é a ideia de enunciado. Partindo da crítica realizada a alguns linguistas que não consideravam o valor da língua além de um contexto simplesmente linguístico, em que há um locutor que fala e outro que ouve passivamente e se limita a compreender o que fora dito (BAKHTIN, 2019), Bakhtin formula uma série de conceitos em que a língua e seu contexto enunciativo se interpenetram, dentre os quais o próprio conceito de enunciado. A língua e suas manifestações não ocorrem de forma meramente estrutural(ista) e individual(ista), pois sua estrutura é puramente social e como tal só “existe entre falantes. O ato discursivo individual (no sentido estrito da palavra ‘individual’) é uma *contradictio in adjecto*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 225). Deste modo, não há participantes passivos, e cada enunciado precisa de contextos sociais e históricos para ser compreendido: uma “oração enquanto unidade da língua é desprovida da capacidade de determinar imediata e ativamente a posição responsiva do falante. Só depois de tornar-se um enunciado pleno a oração particular adquire essa capacidade” (BAKHTIN, 2019, p. 44). A oração é repetível, o enunciado não; daí a importância de entendê-lo contextualmente para poder analisá-lo. Vale ressaltar que apesar de criticar a insuficiência da linguística ao se pensar um texto/enunciado, não se nega sua

15 Para Bakhtin, a metalinguística é a ciência – ainda não constituída como disciplina em si – que estuda os aspectos da linguagem e do discurso que ultrapassam os limites da linguística tal qual Ferdinand de Saussure a concebia. A linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno. Deste modo, seus estudos devem complementar-se mutuamente, mas sem que se fundam, tendo seus limites muitas vezes ultrapassados uma pela outra (BAKHTIN, 2013).

importância para sua análise, mas para que tal análise seja mais completa não se pode ignorar o conteúdo ideológico da linguagem.

As escolhas realizadas pelo autor em sua obra além de representarem de alguma maneira a ideologia de seu pequeno tempo¹⁶, ou seja, o tempo/contexto da sua criação, podem ser compreendidas diferentemente com novas leituras realizadas em espaços, tempos e/ou sociedades diferentes, pois a ideologia não é estanque, ela evolui e se modifica assim como a sociedade. Nos trabalhos do Círculo, o conceito de ideologia possui um sentido que foge tanto do usualmente empregado historicamente, quanto do senso comum e da tradição e crítica marxistas. O termo ideologia ocupa um lugar essencial no pensamento bakhtiniano, sendo empregado para indicar as diferentes formas de valor e de sistemas superestruturais, conceito que se aproxima dos sentidos vistos na tradição marxista e no período revolucionário francês. Porém, na obra do Círculo de Bakhtin, a ideia de ideologia vai além destas acepções e o termo ganhou uma nova dimensão até então nova. Segundo o próprio Volóchinov (2019, p. 243), ideologia é “todo o conjunto de reflexos e refrações no cérebro humano da atividade social e natural, expressa e fixada pelo homem na palavra, no desenho artístico e técnico ou em alguma outra forma s gnica”. Dessa forma,

Ideologia   o nome que o círculo costuma dar, então, para o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a  tica, a política, ou seja, todas as manifesta es superestruturais (para usar certa terminologia da tradi o marxista). A palavra ocorre também no plural para designar a pluralidade de esferas da produ o imaterial (assim, a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a  tica, a política são as ideologias). [...] Esses termos (ideologia, ideologias, ideológico) não têm, portanto, nos textos do Círculo de Bakhtin, nenhum sentido restrito e negativo. Será, portanto, inadequado l -los nestes textos com o sentido de “mascaramento do real”, comum em algumas vertentes marxistas. (FARACO, 2009, p. 46-47)

A ideologia para Bakhtin  , pois, toda organiza o, expressão e regulamenta o das rela es históricas e sociais concretas entre as pessoas e que as auxiliam a criar rela es axiológicas de sentido através da linguagem, ou seja, um posicionamento

16 A expressão “pequeno tempo”   utilizada por Bakhtin para se referir ao tempo da atualidade (no caso, o tempo do autor e da produ o de sua obra). O pequeno tempo se opõe em certa medida a ideia de “grande tempo”, expressão que se refere ao tempo como todo após a produ o da obra, tempo no qual o diálogo   infinito e ininterrupto (BAKHTIN, 2017b).

social valorativo; sendo assim, todo significado é ideológico e remete a algo situado fora de si mesmo (BRAIT, 2012, p. 12). Em outras palavras, podemos afirmar que um

produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social – seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo – mas também, ao contrário destes fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*. *Onde não há signo também não há ideologia*. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 91; grifos do autor.)

Vale ressaltar novamente que o conceito bakhtiniano de ideologia não se restringe nem ao plano meramente sociológico, nem tampouco ao plano puramente linguístico (assim como seu pensamento em geral), pois este se manifesta concretamente nas relações entre os interlocutores que participam ativamente do momento em que o enunciado é realizado. Sendo assim, tudo o que é ideológico é um signo e possui um sentido para além de si mesmo e sem signos não existe(m) ideologia(s) (VOLÓCHINOV, 2019).

Vale ressaltar que por mais que haja coincidências terminológicas entre as obras de Bakhtin e do marxismo, trata-se aqui de duas ideias distintas, sendo que o termo

ideologia faz referência às representações que os diferentes grupos sociais constroem. [...] Não tem, portanto, relações intertextuais ou interdiscursivas com o conceito napoleônico, nem com seu desdobramento na famosa formulação de Marx e Engels de *ideologia* como ilusão, falsa consciência, falsas concepções ou representações invertidas da realidade. (FARACO, 2013. p. 170-1; grifos do autor)

Ou seja, o termo ideologia para o Círculo não se refere à enganação do real visto em *Ideologia Alemã*, mas sim às representações e valores que os grupos sociais constroem enquanto sociedade¹⁷. Além disso, esses grupos sociais dos quais Bakhtin fala não operam na ideologia da mesma forma que ocorre em Marx. O

17 Nesse sentido, pode-se aproximar as ideias de Bakhtin às ideias do marxismo de superestruturas formadas por classes sociais em tensão. No entanto, a ideia desenvolvida pelo Círculo amplifica e complexifica a ideia apresentada por Marx em sua *CCEP*, por ampliar a ideia de classes sociais a grupos sociais, além de considerar os indivíduos de forma não assujeitada em relação às ideologias.

indivíduo, em Bakhtin, é um Ser responsável, pois ele se responsabiliza por aquilo faz e por como ele age, e responsivo, por responder às ações exteriores ao Ser. Dito de outra maneira, esse indivíduo que age, age em relação e em resposta a outro de forma ativa. Diferentemente do indivíduo na crítica marxista, visto anteriormente, que é considerado de forma mais passiva em relação às ideologias, o indivíduo bakhtiniano é agente responsável e responsivo, de modo que suas ações respondem ativamente a outras ações em diálogo constante (BAKHTIN, 2010).

A linguagem em sua realidade concreta é complexa e não pode ser vista de maneira simplista. Em um enunciado não há apenas sua natureza linguística, havendo também sua existência extraverbal que deve impreterivelmente ser considerada ao se analisar um enunciado/discurso. No entanto, para que se possa compreender adequadamente um enunciado/discurso é necessário considerar tanto o verbal quanto o não verbal, sob risco de se produzir uma análise meramente estrutural, própria da linguística, ou meramente social e histórica, própria das Ciências Humanas, como as ciências sociais e políticas das quais tratamos anteriormente. O discurso e seus enunciados funcionam como elos em uma cadeia comunicativa (BAKHTIN, 2019), logo não há discursos isolados. A presença de um ou mais discursos diferentes em um mesmo enunciado – em um romance, por exemplo – é chamada de heterodiscurso.

O termo heterodiscurso se refere às diferentes maneiras em que os vários discursos se apresentam relacionando-se uns aos outros, em suas diversas variações, sejam elas sociais, históricas, geracionais, econômicas, regionais, etc. Sendo assim, um enunciado pode conter em si mesmo várias vozes, estilos, linguagens e, claro, discursos (BAKHTIN, 2019). Paulo Bezerra resume a ideia de heterodiscurso como a relação de todas as diferentes “vozes socioculturais em sua dimensão histórico-antropológica” (2017). A heterodiscursividade pode se apresentar de diversas formas, inclusive incluindo o discurso alheio (mesmo sem a intenção de quem produz o enunciado) que, assim como os demais discursos, pode ser empregado de formas e níveis distintos.

É importante notar que o heterodiscurso pode ocorrer em qualquer discurso cotidiano, no entanto ele é especialmente importante na leitura e análise do texto literário. Neste sentido, é importante entender melhor o que é o heterodiscurso e de que maneiras ele funciona. Discutiremos um pouco mais sobre este assunto na

próxima sessão, quando discutirmos sobre o heterodiscurso em relação ao romance, assim como formas em que ele funciona na linguagem estética.

A linguagem cotidiana é preenchida de ideologias que ora são compreendidas como através das superestruturas que auxiliam a moldar o eu social, para a tradição marxista, ora são compreendidas como as superestruturas que dão sentidos para os enunciados. Mas de todo modo, a ideologia é uma estrutura social e histórica que funciona em seu pequeno tempo constituindo axiologicamente a consciência individual. Nenhum enunciado/fala/texto está sozinho no mundo, agindo sempre em relação com outros anteriores e posteriores, além de também se relacionar com os discursos dos outros. Sendo assim, a linguagem, através de seus discursos, pode auxiliar, em maior ou menor grau de intencionalidade, fundamentar ou, em termos marxistas, a moldar os próprios discursos do indivíduo social agindo, deste modo, não de forma meramente imaginária, mas concretamente, ficando claro no caso dos discursos autoritário e internamente persuasivo, que serão discutidos na próxima seção. A discussão de como a linguagem e as ideologias se relacionam não ocorre apenas no campo da compreensão de como elas agem na consciência individual, mas também nas manifestações artísticas da linguagem, como o teatro e a literatura, por exemplo, sendo uma questão válida e interessante a de pensar em como a ideologia pode se relacionar com as representações feitas por autores de ficção. Na seção seguinte, discutiremos acerca deste questionamento e aproveitaremos para apresentar mais pormenorizadamente os dois romances escolhidos para serem discutidos nesta pesquisa. Para tanto discutiremos ainda um pouco mais sobre o personagem e apresentaremos mais demoradamente as obras estudadas.

3 A PERSONAGEM IDEOLÓGICA E A PERSONAGEM NAS OBRAS

Como visto na seção anterior, a ideologia é uma ideia muito abrangente e que tem forte influência nos estudos sociais, na política, filosofia e sociologia, e nos próprios estudos da linguagem. Dentre os estudos sobre a linguagem está, é claro, o estudo sobre a literatura e sobre as demais manifestações estéticas da linguagem. Para nossa discussão, trataremos de obras do gênero literário romance, discutindo a relação das personagens dentro do corpus escolhido em relação às ideologias nele representadas. Para tanto, discutiremos nesta sessão sobre algumas das ideias do Círculo de Bakhtin relacionadas à personagem e o discurso no romance. Em seguida, apresentaremos os romances escolhidos, assim como abordaremos um pouco mais seus autores, Perec e Pepetela, e o conjunto de suas obras e, por fim, comentaremos os contextos de produção nos quais os autores produziram suas obras. Desta forma, pretende-se apresentar uma visão mais global destes romances e onde estão localizados em suas obras para melhor analisá-los posteriormente.

3.1 Os discursos na formação ideológica do personagem

Em suas discussões, o Círculo de Bakhtin tratou sobre diversos assuntos, tendo a linguagem um lugar especial, mas não exclusivo. A LC foi muito influenciada por seus trabalhos e discussões (como, por exemplo, Nitrini e Coutinho que utilizamos neste trabalho), dos quais destacamos os relacionados com o discurso nas obras literárias, dos quais se destaca o interesse de Bakhtin pelo gênero romanesco.

Para Bakhtin (2017c), o gênero romanesco é um gênero heterodiscursivo por excelência e, assim sendo, “como um todo verbalizado é um fenômeno pluriestilístico, heterodiscursivo, heterovocal” (p. 27), afirmando também que ele é um “*heterodiscurso social artisticamente organizado, às vezes uma diversidade de linguagens e uma dissonância social*” (p. 29; grifos do autor). Deste modo, apesar de, como já dito na sessão anterior, a heterodiscursividade poder ocorrer em outros gêneros discursivos, assim como em qualquer outro enunciado (estético ou não), ele é especialmente profícuo nos gêneros estéticos, dadas suas características.

No romance há necessariamente uma profusão de discursos que não necessariamente concordam uns com os outros. Os discursos do narrador, dos diferentes personagens, do autor, os discursos sociais representados na obra, etc. se encontram, dialogam e criam tensões ao longo da obra. Além da diversidade de vozes discursivas, o romance também pode conter diferentes gêneros e estilos dentro de si mesmo. Para que o romance seja entendido desta forma é preciso entender seus atores como falantes que trazem “sua palavra ideológica original, sua linguagem” (BAKHTIN, 2017c, p. 124).

Desse modo, para Bakhtin a palavra da personagem não é apresentada ou transmitida, mas sim “*representada literariamente*”. Além disso, o falante é um *ser essencialmente social*, historicamente concreto e definido” (BAKHTIN, 2017c. p. 124; grifos do autor) assim como sua linguagem que também é social e histórica. Todos os elementos individuais da personagem por mais que representem sua individualidade possuem um valor social em si. A personagem é em algum grau um *ideólogo*, porém sua palavra é invariavelmente um *ideologema*.

A linguagem peculiar do romance é sempre um ponto de vista peculiar sobre o mundo, que aspira a uma significação social. É exatamente como ideologema que a palavra se torna objeto de representação no romance e, por isso, ele não corre nenhum risco de tornar-se um jogo verbal abstrato. (BAKHTIN, 2017c. p. 125)

Ou seja, a linguagem do romance é uma representação, um recorte possível do mundo com sua sociedade e história, sendo a palavra de seu falante, o ideologema, o que representa este mundo, enchendo as palavras de sentidos e de valor, sem incorrer em mero exercício de estilo.

O discurso do falante pode ser/estar impregnado por um discurso alheio. Contudo, embora saibamos que os diversos discursos existem em relação uns com os outros, quando o discurso alheio não é integrado como uma informação, sugestão, etc., mas sim como um formador ideológico do discurso do falante e de sua relação com o mundo, tem-se aí dois tipos distintos de discurso: o autoritário e o internamente persuasivo. Quando o discurso alheio se apresenta de forma explícita e destacado como um discurso citado, tem-se um discurso autoritário; e quando a palavra do outro está assimilada ao discurso do falante sem que haja necessariamente a delimitação por parte dos participantes deste(s) enunciado(s), tem-se o discurso internamente persuasivo (BAKHTIN, 2017c).

Em resumo, o discurso autoritário funciona através dos discursos que exercem autoridade expressamente sobre os indivíduos e podem ser mais ou menos facilmente percebidos como alheios no discurso. Quando se evoca o discurso de alguma autoridade, como o caso da religião já citado por Bakhtin (2017c) como um exemplo, é mais facilmente identificável. Essa percepção do discurso autoritário se dá pelo fato de que ele “permanece acentuadamente destacado, compacto e inerte”, exigindo que possua algum destaque gráfico ou visual, assim como seus sentidos são imóveis e estanques, pois já foram “concluídos” (BAKHTIN, 2017c, p. 137).

Estes dois discursos se relacionam diretamente com as ideologias sob as quais estes discursos são enunciados. Eles não só são formados ideologicamente como auxiliam em sua reprodução. Tanto a autoridade do discurso quanto sua persuasividade interna podem ocorrer ao mesmo tempo.

Mas tal unificação raramente é um dado, o processo ideológico de formação costuma caracterizar-se exatamente por sua acentuada divergência entre essas categorias: o discurso autoritário (religioso, político, moral o discurso do pai, dos adultos, dos mestres, etc.) carece de persuasividade interna, ao passo que o discurso internamente persuasivo é desprovido de autoritarismo, não é apoiado em nenhuma autoridade, amiúde carece de qualquer reconhecimento social (pela opinião pública, pela ciência oficial, pela crítica) e até de legalidade. (BAKHTIN, 2017c, p.136.)

Sendo assim há uma tensão entre os discursos autoritários e interiormente persuasivos e suas instâncias reguladoras (ou falta delas) em relação à formação ideológica do falante. Esta tensão entre estes discursos ideológicos podem determinar a própria consciência ideológica do indivíduo (BAKHTIN, 2017c).

No caso do personagem do romance, o discurso autoritário imposto tem pouco espaço estilístico, dada a sua dificuldade de representação, pois ele é apenas transmitido (BAKHTIN, 2017c). O discurso autoritário é cristalizado, ossificado, o que dificulta seu uso estilizado e, em consequente, sua ficcionalização. Contudo, o mesmo não ocorre com o discurso internamente persuasivo identificável. Dada a sua persuasividade interna, este discurso tem uma importância fundamental nos processos de formação ideológica do falante, confundindo-se com sua própria consciência. O discurso internamente persuasivo se molda através da consciência individual que se desenvolve em meio aos discursos e palavras dos outros.

Diferentemente do discurso (externamente) autoritário, na medida em que a consciência se cresce e se complexifica, ela passa ou a aderir ou a negar certos discursos e palavras que passam a fazer parte de sua própria consciência. “No uso de minha própria consciência, o discurso interiormente persuasivo é metade meu, metade do outro” (BAKHTIN, 2017c, p. 140) e exatamente por não possuir um estado isolado e imóvel, o discurso internamente persuasivo se assimila ao discurso ideológico e à consciência individual de forma mais sutil e entra sempre em tensa interação e luta com outros discursos interiormente persuasivos.

Nossa formação ideológica é justamente essa tensa luta que em nós se desenvolve pelo domínio de diferentes pontos de vista, enfoques, tendências e avaliações verboideológicas. A estrutura semântica do discurso interiormente persuasivo não é concluída, é aberta, e em cada contexto dialogante é capaz de revelar possibilidades semânticas sempre novas. (BAKHTIN, 2017c, p. 140)

Em outras palavras, a consciência individual se forma através de vários discursos internamente persuasivos e, claro, de vários discursos autoritários, tal como dos demais discursos sociais, que se negam ou se combinam.

O discurso internamente persuasivo age sem que sua presença seja necessariamente notada, formando a consciência individual através de sua relação com os outros discursos, incluindo aí o discurso externamente autoritário. No entanto, apesar de o discurso autoritário tenha menos influência na formação ideológica devido a sua rigidez, ela ainda reverbera e gera posicionamentos responsivos nos demais discursos (VOLÓSHINOV, 2018). Deste modo, ambas as formas de discurso ideológico, embora de formas distintas, (re)agem aos demais discursos e auxiliam na formação da consciência individual, e em nosso caso na formação ideológica das personagens.

Os diferentes discursos dialogam entre si dentro de um ponto de vista particular representado nas obras. O discurso internamente persuasivo e, em menor grau, o discurso externamente autoritário tem um papel importante na formação ideológica da consciência dos indivíduos que (re)agem nestas obras e interagem entre si com as ideologias nelas representadas. Tendo em vista as particularidades da formação ideológica dos personagens, faz necessário conhecer um pouco mais sobre os romances a serem estudados, assim como seus autores e suas obras.

3.2 Perec e sua obra

Georges Perec é lembrado principalmente por seus romances. No entanto, sua produção literária, apesar de sua morte prematura em 1982, apenas 17 anos após sua primeira publicação, ser bastante diversificada. Nesta produção se destacam principalmente seus ensaios e poemas nos quais discutia sua própria forma de produzir literatura.

Um dos períodos que mais marcou a vida do jovem Perec foi a segunda Guerra Mundial. Vindo de uma família judia de ascendência polonesa, seu pai morre em combate contra a Alemanha em 1940 e sua mãe morre nos campos de concentração de Auschwitz em 1943, deixando o jovem Perec órfão aos sete anos de idade (MAGNÉ, 2002). Durante a guerra, ele é criado por tios da parte da família paterna voltando a Paris em 1945, de onde havia fugido após a morte de seu pai. Durante sua adolescência, Perec começa a morar em diferentes partes de Paris, principalmente nos chamados quartos de empregada, quartos mais baratos e menores que costumavam ser alugados por estudantes e imigrantes. Perec conhece sua futura esposa Paulette Pétras em 1959 e se casam já no ano seguinte. Pétras é nomeada professora na Tunísia, o que faz o casal se mudar para este país, porém voltando um pouco depois. Todos estes acontecimentos-chave na vida de Perec tiveram grande influência em sua produção literária posterior, sendo que muitas delas foram utilizadas como material de escrita. Na introdução da coletânea dos romances e relatos de Perec, *Romans et Récits* (2002), Bernard Magné cita que Perec afirmava que “o projeto de escrever [sua] história se formou ao quase ao mesmo tempo que [seu] projeto de escrever”¹⁸ (MAGNÉ, 2002, p. 21). Em outras palavras, um dos projetos literários de Perec era de utilizar sua vida como fonte ficcional, porém sua inventividade não se limita a esta autoficção.

Como dito anteriormente, Perec não produziu durante muitos anos devido a sua morte precoce em 1982, no entanto sua produção foi bastante diversa, sendo um desejo do autor de “nunca escrever dois livros parecidos”¹⁹, projeto este que

18 Nossa tradução do original em francês: “*Le projet d’écrire mon histoire s’est formé presque au même temps que mon projet d’écrire*”. Os pronomes possessivos foram ajustados na citação.

19 “*Jamais écrire deux livres samblables*”. Citado na introdução de *Romans et Récits*, de Perec assinado por Magné.

realmente foi realizada vista sua diversidade de obras e gêneros empregados. Seu romance de estreia é o *Les Choses. Une histoire des années soixante*, de 1965, o qual lhe rendeu o prêmio Renaudot, um romance que narra a vida de um casal francês em Paris durante os anos de 1960. Esta obra que rende a Perec um grande sucesso e um contrato de mais cinco livros com a editora. No entanto, seu segundo livro *Quel petit vélo à guidon chromé au fond de la cour?*, de 1966, se afasta muito do seu antecessor *Les Choses*, o que não agradou muito o público. Por vezes considerado como um “pequeno romance”, apenas como um “relato” ou mesmo como um “relato épico em prosa” (PEREC, 2002, p. 45)²⁰, esta obra se apoia na paródia e em diversos jogos de escrita narrando as tentativas de deserção de um soldado durante a Guerra de Independência da Argélia.

Sua terceira obra publicada foi *Un Homme qui dort*, 1967, escrita imediatamente após *Les Choses*, com a intenção literal de fazer o contrário do que ele fez em sua obra de estreia. Perec escreve seu segundo romance com a clara intenção de fazer algo contrário ao que ele havia escrito, “não é mais a fascinação, mas sim a ‘recusa’ das coisas [*des Choses*], a recusa do mundo”²¹ (PEREC, 202, p. 212). Enquanto *Les Choses* objetiva narrar uma história do desejo de um casal de viver e conhecer sempre coisas novas a sua volta, *Un Homme qui dort* narra a história de um homem solitário isolado em seu quarto. Após sua publicação, Perec já era um escritor célebre e respeitado, porém pouco compreendido pela crítica e público, pois esta não conseguia rotular Perec. Após a publicação de *Un Homme qui dort*, ainda em 1967, Perec é convidado a fazer parte do Oulipo. O convívio e o trabalho com o grupo mudariam completamente a maneira de Perec de trabalhar o texto literário.

O Oulipo é um grupo ainda existente que mantém seus encontros desde sua fundação em 1960 e tem por objetivo procurar novas formas de potencializar suas produções escritas, seja através da descoberta de jogos de escrita, regras matemáticas ou exercícios e figuras de estilo já existentes, seja por novas formas criadas pelos membros do grupo. A entrada de Perec potencializa a diversidade vista em sua obra, sendo um dos escritores mais conhecidos e prolíficos do Oulipo, empregando diversos jogos em suas obras posteriores.

20 Nossa tradução do original em francês: “*Récit épique en prose*”.

21 Nossa tradução do original em francês: “*Ce n’est plus la fascination, mais le ‘refus’ des choses, le refus du monde*”.

Os jogos utilizados pelo grupo são conhecidos como *contraintes*, ou restrição em português, mesmo que a palavra em francês também seja empregada²². Eles foram pensados originalmente pelos fundadores do Oulipo, o escritor Raymond Queneau e o matemático François Le Lionnais, com base em alguns exercícios de Queneau inspirados na matemática e posteriormente na observação de jogos e figuras de estilo empregados por escritores anteriores. Alguns exemplos destas práticas anteriores ao Oulipo estão o lipograma, o palíndromo as formas fixas da poesia²³ e exemplos de práticas criadas pelo grupo estão o soneto irracional, a quimera e “um conto do seu jeito”²⁴.

Perc foi um grande entusiasta do uso das *contraintes* em suas obras, sendo ao lado de Queneau e de Ítalo Calvino um dos autores que mais as empregou, acreditando que elas poderiam auxiliá-lo em seu projeto de sempre escrever livros diferentes. Neste período, Perc escreve suas obras mais experimentais e (re)conhecidas, como *La Disparision*²⁵ – romance policial inteiramente escrito sem a

22 *Contrainte* é um termo francês muito corrente, mas de difícil tradução no sentido aqui empregado devido a suas particularidades. Possuindo a mesma raiz do substantivo português “constrangimento”, *contrainte* é empregado para indicar a obrigação/necessidade de alguém realizar uma ação para se atingir um objetivo sem que, no entanto, haja um sentido negativo como em “constranger”. Daí a preferência por sua tradução para “restrição”. Em português a literatura produzida sob este tipo de regras é chamado de literatura constrangida (em referência a sua tradução literal) ou literatura sob restrição. Um autor brasileiro que faz uso corrente destas restrições nos moldes oulipianos é o também pesquisador Jacques Fux, do quem citamos a tese de doutoramento na introdução.

23 Lipograma: Figura de estilo na qual o autor não emprega uma letra ou conjunto de letras em seu texto. Ex.: o romance *La Disparision* de Perc sem a letra e; Palíndromo: Texto que pode ser lido letra por letra tanto da esquerda para a direita como da direita para a esquerda. Como exemplo tem-se palavras como “ovo” ou “radar” e frases como o verso de Caetano Veloso “Irene ri”, além de frases e mesmo textos maiores, como *Palindrome* de Perc com mais de 5 mil palavras. Formas fixas de poesia: as formas fixas são os gêneros poéticos cuja versificação, métrica, rimas, etc. são fixadas por regra. Exemplos disso são o soneto, a sextilha e o haicai.

24 Soneto irracional (*Sonnet irrationnel*, em francês): *contrainte* criada por Jacques Bens baseada na variação italiana do soneto. Nela os 14 versos do soneto seguem uma estrutura baseada nos primeiros dígitos do número pi (3-1-4-1-5), além outras regras referentes a versificação. Quimera (*Chimère* em francês): Texto composto a partir de outros textos, baseado no monstro mitológico quimera cuja aparência misturava várias bestas. Escolhe-se um texto-base, retira-se seus substantivos, adjetivos e verbos (guardando seus respectivos lugares) e a partir ou de um único texto ou um para cada tipo de palavra (substantivo-adjetivo-verbo) acrescenta-se as palavras novas na ordem em que aparecem no(s) texto(s). Um Conto do seu jeito (*Une conte à votre façon*). *Contrainte* criada por Queneau na qual a história possui um começo pré-determinado e cujas continuções dependem das escolhas do leitor sempre havendo pelo menos duas opções para a progressão da história. Em seguida, a sequência deve possuir ela mesma outras opções, até que se chegue a um final, que mesmo podendo ser o mesmo texto escrito pode significar fins diferentes dependendo das escolhas anteriores. Um exemplo de texto não oulipiano deste tipo é o romance *La Rayuela* do argentino Julio Cortázar. Estas e outras restrições podem ser vistas com suas regras no site oficial do Oulipo, em: OULIPO. *Contraintes*. Disponível em <https://www.ouliipo.net/fr/contraintes>. Acesso em: 02 jun 2020.

25 A tradução brasileira foi realizada por Zéfere, com o título de *O Sumiço* e publicada em 2015 pela Editora Autêntica. Ao traduzir, Zéfere adaptou a mesma *contrainte* do lipograma com a letra e (enquanto outras traduções e em outras línguas geralmente se opta pela letra a) usada por Perc

vogal e, letra mais comum da língua francesa – e sua obra mais célebre *La Vie: Mode d'emploi* – romance vencedor do Prêmio Médicis que conta a história dos vários moradores de um mesmo prédio, narrando-as com base no movimento do cavalo do xadrez. Além de romances, Perec também publica obras em outros gêneros como poesia com *Beaux Present, Belles Absentes*, memórias com *W ou Le Souvenir d'enfance* e *Je me souviens - Les Choses communes*, relatos sobre o espaço como *Espèces d'espaces* e *Tentative d'épuisement d'un lieu parisien* e outras obras mais próximas de exercícios de estilo, como *Palindrome*²⁶. Mesmo que os jogos, o humor e a criatividade de Perec tenham ganhado mais atenção com o passar dos anos, sua obra possuía estas características desde seu romance de estreia, *Les Choses – Un Roman des années 1960*.

É narrada em *Les Choses* a história do casal formado pelos jovens parisienses Jérôme e Sylvie durante os anos 1960. O casal trabalha fazendo questionários sociais nas ruas das cidades para onde são mandados, podendo, assim, conhecer várias cidades em razão de seu emprego. Este trabalho lhes proporciona uma vida tranquila e aprazível, no entanto eles veem que seus hábitos de consumo, sua moradia e mesmo sua vida poderia melhorar se eles conseguissem uma outra colocação. Jérôme e Sylvie haviam desistido de estudar e haviam escolhido esta profissão exatamente com a intenção de ganhar dinheiro rapidamente, porém sempre que eles conseguiam algum dinheiro a mais, percebiam que havia coisas que eles não tinham e também queriam. Deste modo, eles acabam entrando em um círculo vicioso de consumismo sem perceber. Porém Jérôme e Sylvie se envolvem com movimentos políticos contrários à Guerra de Independência da Argélia e durante esse período o ciclo de consumo é momentaneamente suspenso, mesmo que eles não se aplicassem ao ou se interessassem muito no conflito. Com o fim da guerra e a volta à normalidade nas vidas de Jérôme e Sylvie, eles percebem o ciclo de consumo das coisas em que estavam sempre em busca de um algo melhor e se dão conta que eles já alcançaram o máximo de crescimento social que poderiam alcançar. Nesse momento, eles abandonam os projetos de enriquecer facilmente e conseguem empregos fixos mais estáveis, mas insatisfeitos

e algumas outras empregadas na escrita do texto original. No entanto, como nem todas as *contraintes* são conhecidas pelo público, é possível que muitas não tenham sido notadas durante a tradução.

26 Tradução livre dos títulos respectivamente: Belos Presentes, Belas Ausentes; W ou A Lembrança de Infância e Eu me lembro – As Coisas comuns; Espèces de espaços e Tentativa de esgotamento de um lugar parisiense; e Palíndromo.

com o rumo que suas vidas estão levando. No entanto, eles ficam sabendo sobre um concurso para professores na Tunísia com uma boa remuneração. Ambos passam e vão viver na Tunísia com a esperança de alcançar seus objetivos sociais e econômicos.

Até o momento da mudança Jérôme e Sylvie agiam como se fossem um só personagem: “o casal”. Entretanto, como as vagas para as quais passaram era em lugares muito distantes, eles decidem viver juntos na cidade em que Sylvie conseguiu a vaga. Nesse momento, Sylvie e Jérôme passam a ter vidas separadas, enquanto ela trabalhava, ele ia conhecer a cidade, cada um solitário em sua vida. O apartamento em que se instalaram era enorme, eles se sentiam mal diante de tanto espaço sem coisas, a cidade era desconhecida, o clima muito diferente do parisiense e rapidamente eles começaram a sentir falta de suas vidas de antes. Infelizes com sua nova situação, eles decidem voltar a Paris e aceitar a vida que eles estavam tendo até então.

A relação do casal formado por Jérôme e Sylvie com a sociedade e suas ideologias representada no romance *Les Choses* representa um recorte na história recente da França e seus desdobramentos na vida deste casal. Deste modo, estes dois personagens serão analisados observando como agem responsivamente em relação aos discursos dominantes representados e como estes discursos dialogam com suas formações ideológicas. Além das personagens presentes no romance de Perec, também serão analisados, em diálogo, as relações responsivas das personagens presentes em um dos romances do angolano Pepetela.

3.3 Pepetela e sua obra

Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido pelo nome de pluma Pepetela, é um romancista e contista angolano. Os avós de Pepetela emigraram de Portugal para Angola e seus pais nascem em solo africano. Como geralmente ocorria com os filhos de famílias mais abastadas de descendência europeia, Pepetela consegue estudar em boas escolas, inicialmente em sua cidade natal, Benguela, e posteriormente em Lubango. Parte para Portugal para estudar engenharia em 1958, curso que não chega a terminar, indo estudar letras na Universidade de Lisboa em 1960. Com o convívio com outros jovens favoráveis aos

movimentos revolucionários de libertação que estavam ocorrendo nos países sob dominação portuguesa em 1963, Pepetela começa a se relacionar com os movimentos de independência angolano, filiando-se ao Movimento Pela Libertação de Angola (MPLA). Inicialmente agindo fora do país, Pepetela volta para Angola e lá começa seu trabalho junto aos guerrilheiros, inicialmente como professor e em seguida como soldado. A guerra na vida de Pepetela, assim como na vida de Péric, teve uma grande importância tanto em suas vidas quanto em suas obras.

Durante o período em que foi militante, Pepetela começa a escrever seus primeiros romances nos quais tratava sempre sobre temas relativos a Angola. Sua primeira obra escrita foi *Muana Puó*, em 1969, mas que só seria publicada mais tarde, em 1978, após o fim da guerra. *Muana Puó* pode ser lida como uma representação da situação angolana da época, contando a história da guerra entre os morcegos, enganados e oprimidos, e os corvos, que negavam a liberdade e oprimiam os morcegos. Além desta guerra, também é contada a história de amor de dois morcegos que se conhecem devido a uma máscara da etnia Tchokwé. É durante seu período militante que Pepetela ganha seu apelido como um codinome, sendo a tradução de seu sobrenome real, Pestana, para a língua Umbundo. Já como guerrilheiro e com seu novo nome, Pepetela escreve mais duas obras que falam sobre acontecimentos da guerra, a cartilha *As Aventuras de Ngunga* e sua obra mais conhecida *Mayombe*. Ambas as obras representam o dia a dia dos guerrilheiros e como eles agem (ou deveriam agir segundo as obras) junto à população, contudo *Mayombe* se baseia em vivências reais do autor em sua ficcionalização da guerra.

Com o fim da guerra e com a independência de Angola, Pepetela passa a ter uma vida pública no governo, período em que começa a publicação de suas obras escritas durante a guerra. Contudo, Pepetela prefere deixar o governo e dedicar-se apenas à literatura já em 1982. Nesse período, o autor escreve várias obras nas quais Angola (atual ou histórica) é sempre o centro de interesse, iniciando esse período com o romance histórico *Yaka* (1984), obra que ganhou o prêmio nacional de literatura. No ano seguinte, publica *O Cão e os Luandas* (1985), representando a Luanda pós-independência, e em 1989, *Lueji*, que estabelece um diálogo entre a princesa Lueji, personagem histórica de Angola, e uma bailarina que representa o papel de Lueji em um balé contemporâneo.

Nos anos 1990, com a continuidade da guerra civil que assolava o país desde sua independência em 1975 e em meio a várias denúncias de corrupção por parte do governo, Pepetela começa a representar em sua obra uma Angola mais irônica, mais crítica. *A Geração da Utopia*, de 1992, narra quatro períodos distintos da história de Angola, como colônia, a guerra de libertação, a guerra civil e o armistício do início dos anos 1990. Em 1995, publica *O Desejo de Kianda*, romance que mantém o ceticismo sobre a Angola independente da obra anterior, mas narrada com elementos mágicos ao lado de fatos históricos. Como já havia feito com *Lueji* e *A Geração da Utopia*, Pepetela reimagina a Angola colonial, agora no século XVIII, narrando a história de Van Dúnem, um homem de descendência holandesa em meio às disputas entre Portugal e Países Baixos pelo controle de Angola.

Pepetela recebe o Prêmio Camões em 1997, época em que começa a viver mais em Portugal e no Brasil devido aos problemas políticos de Angola e a guerra civil que só teria fim em 2002. A partir dos anos 2000, Pepetela volta a ter uma produção literária mais frequente, lançando obras infantis, como *A Montanha de Água Lilás*, de 2000, de ficção científica, como *O Quase fim de mundo*, de 2008, contos, como *Contos de Morte*, de 2008, e paródias como *Jaime Bunda, Agente Secreto*, de 2001 e *Jaime Bunda e a Morte do Americano*, de 2003, sátiras do personagem James Bond com críticas tanto ao governo angolano quanto ao americano. Os romances publicados no fim da década de 2000 apresentam uma internacionalização de Pepetela, não sendo apenas Angola o pano de fundo central das histórias. Em *O Terrorista de Berkeley, Califórnia*, de 2007, a história se passa nos Estados Unidos e em *O Planalto e as Estepes*, de 2009, a história se passa em Portugal, no Marrocos e na Rússia. Esta internacionalização, no entanto, não impede que Pepetela volte a tratar novamente sobre problemas mais específicos de sua terra natal, como em *A Sul. O Sombreiro* (2011) e *Sua Excelência de corpo presente* (2018), ambas ambientadas em Angola ou de uma forma mais geral em África, e sempre mantendo a visão crítica que caracterizou principalmente seus romances dos anos 1990, mas sempre presente em sua obra.

Dentre as publicações dos anos 1990 está *O Desejo de Kianda*, romance que se passa após a independência política de Angola por volta do início dos anos 1990 e narra a história de dois núcleos distintos. O primeiro núcleo é formado pela jovem e carismática líder política Carmina Cara de Cu (ou CCC) e seu marido João

Evangelista. Já o segundo núcleo é formado ao redor de Kianda, deusa da lagoa do Kinaxixi, no centro de Luanda, que está irritada com a presença humana poluindo seu lar, mas só a menina Cassandra e depois o velho Kalumbo o percebem. Carmina e João Evangelista se casam no mesmo dia em que Kianda começa a agir. Para afastar as pessoas de perto de suas águas, Kianda começa a derrubar os prédios ao redor da Lagoa. Inicialmente Carmina acredita que a queda do primeiro prédio era um ataque estadunidense sendo descartado posteriormente pelos demais dirigentes políticos, o que desagrada Carmina. Por ser casado com uma pessoa importante na política do país, João Evangelista, membro de uma tradicional família religiosa em Luanda, passa seus dias sem preocupações. Funcionário público que não precisa trabalhar, ele acaba se viciando em um jogo de computador no qual é um conquistador romano. Enquanto se concentrava no jogo, Carmina tentava ganhar mais prestígio político, mas com a queda do Muro de Berlim e a reabertura econômica de Angola, ela acaba perdendo poder e tem uma pequena crise que só passa quando João lhe dá a ideia de começar um novo negócio, abrindo uma empresa. A ideia de começar um negócio aproveitando a internacionalização da economia anima Carmina, que aproveita seu poder político para ter vantagens em seus negócios e, com os negócios, ter mais prestígio no governo. Enquanto isso, outros prédios do Kinaxixi continuam caindo, o que acaba chamando a atenção de turistas e cientistas de várias partes do mundo para pesquisar o que ficou conhecido como “Síndrome de Luanda”. Além disso, devido à perda de seus lares, muitas pessoas permanecem na área, morando nas margens da lagoa. Carmina e João não se importavam com as quedas até que o prédio de amigos próximos cai e, posteriormente, quando ele percebe que, naquele ritmo, até mesmo o prédio em que viviam cairia, o que faz Carmina usar seus contatos e influência para conseguir outro lugar para morarem. João vai visitar Honório, o amigo do prédio que caiu e, chegando lá, vê como estão vivendo as vítimas da “síndrome de Luanda” e um culto religioso que está tendo lugar ali.

Enquanto isso ocorria, Carmina se candidata e vence as eleições para vereadora, no entanto os resultados não são aceitos pela oposição, o que acarreta a eclosão de vários combates da Guerra Civil. Ao fim destes combates, o governo ganha e Carmina é empossada como deputada. A vitória da situação governista acabou acarretando perseguição contra as pessoas e mesmo etnias que teriam

votado na oposição. Nessa situação, Carmina tem a ideia de vender armas em sua nova empresa, já que com estas tensões armas seriam necessárias. Os prédios continuavam a cair se aproximando de onde Carmina e João moravam e nas proximidades da lagoa, a menina Cassandra desde o começo das quedas ouvia uma voz como um lamento, a voz de Kianda. Ao investigar, ela encontra o velho Kalumbo, única pessoa que acredita nela.

João Evangelista recebe duas visitas que falam sobre a situação de Kinaxixi: seu pai e posteriormente seu amigo Honório. O pai tradicional religioso fala de como as pessoas cujas casas caíram estão vivendo e que outros estão indo para lá, havendo um verdadeiro culto religioso em volta das quedas. Honório, por sua vez, ainda vivia no Kinaxixi, como um protesto contra os governantes e políticos que nada faziam, e as pessoas do Kinaxixi começaram a viver completamente nus. Quando Carmina chegou, revoltou-se com a situação do Kinaxixi, acreditando ser um grupo rebelde contra o governo. Nesse momento, a música que apenas a menina Cassandra e o velho Kalumbo ouviam foi ouvida por todos e o prédio onde João Evangelista e Carmina moravam vem ao chão no fim do romance.

Feita essa contextualização da obra e o resumo do seu enredo, assim como no romance de Perec, analisaremos as ações responsivas dos personagens que formam o casal em *O Desejo de Kianda*, João Evangelista e Carmina Cara de Cu. Da mesma forma que ocorre em *Les Choses*, o casal de protagonistas se relaciona com o recorte histórico da sociedade de seu país e com a ideologia em que se inserem, com o diferencial de que Pepetela acrescenta em sua obra elementos oriundos de narrativas tradicionais de Angola em meio a fatos históricos reais. No entanto, diferente das personagens de Perec, os protagonistas de *O Desejo de Kianda* fazem parte das forças dominantes do país. Entretanto, mesmo sendo, em certa medida, beneficiados pelos discursos dominantes, as personagens de Pepetela também (re)agem aos discursos ideológicos. Ambas as obras refletem e refratam as ideologias e discursos dominantes presentes em duas sociedades distintas, sendo sua análise um meio interessante de melhor compreender a própria produção literária de seus autores.

3.4 Os autores e seu tempo

Angola, do continente africano, e França, do continente europeu, são os países nos quais vieram os dois autores aqui estudados e nos quais se passam suas obras. Embora façamos um recorte temporal apenas na segunda metade do século XX, período dos autores e personagens, é inegável as diversas diferenças sociais, históricas e políticas que separam estes dois países e fundamentam as diversas ideologias neles presentes. No entanto, apesar destas diferenças, ambos os países passaram por processos semelhantes neste período (guardadas suas proporções e suas perspectivas), como a Guerra Fria, a descolonização africana (cada um a sua maneira) e o avanço do capitalismo como sistema hegemônico no mundo. Os processos vividos na segunda metade do século XX provocaram mudanças sociais profundas e distintas nestes países.

Estes três processos que citamos se refletem e refratam dentro das obras estudadas e são importantes chaves de leitura para sua crítica. Além disso, estes processos também foram importantes nas próprias vidas de seus autores, em especial Pepetela. Perec era engajado pessoalmente em atividades políticas, simpático ao Partido Comunista, mesmo que “sem aderir inteiramente” à cartilha do partido (DESROSIER, 2014)²⁷, e pró-independência das colônias africanas. Porém, o envolvimento de Pepetela como já visto foi maior e mais efetivo, ele foi guerrilheiro durante a guerra de descolonização e fez parte, momentaneamente, do governo pós-independência durante a guerra fria, sendo uma figura pública importante durante todo o período posterior. Estes fatores históricos, portanto, tiveram grande impacto durante a produção de suas obras, e as transformações sociais que os autores vivenciaram foram de suma importância, direta ou indiretamente, em seus processos de escrita.

Vale ressaltar que apesar de entender a importância do contexto sociohistórico da produção das obras, suas leituras não devem se sustentar apenas nesse conteúdo, ignorando os demais elementos extralinguísticos (BAKHTIN,

27 No original em francês: “*sans adhérer entièrement*”. David Desrosiers comenta sobre a adesão de Perec e outros escritores da época ao Partido Comunista, apesar de não aderirem inteiramente “à *la doxa communiste, restent convaincus que les perspectives du marxisme constituent un horizon intellectuel indépassable dans le cadre de la situation historique et sociale de leur temps*” (p. 124). [Nossa tradução do original em francês: à doxa comunista, ficando convencidos de que as perspectivas do marxismo constituíam um horizonte intelectual inultrapassável no âmbito da situação histórica e social de seu tempo.]

2017c). No entanto, estes elementos são imprescindíveis para uma compreensão mais ampla das obras e das ideologias nelas representadas. Deste modo, é importante discutir o contexto de produção dos romances.

Também é importante ressaltar que embora haja diferenças fundamentais entre os fatores históricos e sociais, a geografia própria dos países, suas relações ideológicas internas e internacionais, etc., e que, além disso, as produções dos romances selecionados ocorreram em décadas diferentes do século XX, a primeira publicada nos anos 1960 e a segunda nos anos 1990, o diálogo entre elas não se torna impossível, sendo até mesmo mais relevantes e representativos das ideologias presentes nos países e representadas nas obras. São exatamente estes contextos de produção especificamente distintos que demonstram as forças ideológicas dominantes refletidas e refratadas nas obras estudadas.

A obra de ambos os autores têm diversas relações com acontecimentos ocorridos em suas vidas e/ou em eventos da história recente de seus países. Deste modo, entender um pouco dos acontecimentos da época é um caminho válido para que se possa aguçar a compreensão dos romances.

O romance *Les Choses* se passa na França dos anos 1960 (como seu próprio subtítulo indica claramente), possuindo diversas referências diretas ou indiretas a importantes acontecimentos ocorridos no país durante esta época e que tiveram grande repercussão social posteriormente²⁸. No entanto, o que chama mais atenção na obra é a construção da vida dos protagonistas e sua relação com os acontecimentos contemporâneos durante o crescimento do consumismo francês durante os anos 1960 e como as pessoas se relacionavam com este fenômeno. Perec afirma que a construção de seus personagens se deu em relação ao que ocorria com ele mesmo e seus companheiros e amigos (PAWLIKOWSKA, 2007)²⁹. A

28 Dentre os eventos mencionados no romance que realmente ocorreram e que foram muito impactantes na história recente francesa estão o *Putsch d'Alger* ou *Putsch de Généaux* – tentativa de golpe de estado de um grupo de generais de 5 estrelas que não concordava com as decisões da presidência relacionadas à Guerra da Argélia – e *les morts de Charonne* ou *affaire de la station de métro Charonne* – um episódio de violência policial contra manifestantes pró-independência da Argélia e contrários à guerra. Estes acontecimentos também foram importantes na construção ideológica dos protagonistas de *Les Choses*.

29 Nas palavras do próprio autor: “*Dans les choses c'est ma propre expérience que je décris et l'expérience d'un groupe d'amis, de gens que je connaissais à cette époque-là, cette époque où l'on passait du statut d'étudiant à la vie civile, à la vie quotidienne, où il fallait gagner sa vie. On était, pendant tout un certain nombre d'années, comme beaucoup de gens, presque tout le monde en France, complètement fasciné par la possession de jolies tasses, d'appareils électroménagers, de chaînes HiFi; donc c'est vraiment sorti de ma propre - je n'aime pas beaucoup le*

proximidade com o grupo social refratado e o gosto pela descrição do autor trazem uma proximidade muito grande do texto literário à descrição sociológica, o que faz com que *Les Choses* tenha sido estudado na época por sua representação dos anos 1960.

Todos aqueles que são citados em *Les Choses* parecem ser parte de um determinado grupo social, de uma determinada faixa etária, posição econômica, nível educacional, formação profissional, seguidores de certo padrão de comportamento, que poderiam ser o resultado de alguma sondagem ou análise sociológica, algo parecido ao que faziam Jérôme e Sylvie com seus questionários: a composição de listas com uma infinidade de gostos, opiniões, posições e coisas, muitas coisas... (SPERANZINI, 2011. p. 39)

Deste modo, pode-se perceber um diálogo muito forte não apenas entre a vida do autor na época com as personagens representadas, mas também entre as ações das personagens, suas listas de pesquisas sociológicas e a construção do romance com a apresentação de listas similares para descrever os personagens, suas ações, gostos, etc.

A França na qual Sylvie e Jérôme são representados passa por diversas mudanças sociais de maneira consoante ao resto do mundo e um dos fatores que mais chama atenção na construção do romance é a ideia de sociedade de consumo³⁰. A sociedade de consumo se caracteriza principalmente pelo excesso de produtos devido à maior facilidade de sua feitura do que de sua venda, sendo necessária assim a utilização de táticas mais diretas, constantes e mesmo agressivas de marketing para convencer os consumidores a continuarem a comprar mesmo que o produto adquirido não seja necessário tendo início com o espírito do romantismo e se consolidado com as revoluções industriais (CAMPBELL, 2001). Nos anos 1960, a França passa por um processo de industrialização e aumento do

mot "tourment" - obsession et du refus que j'avais vis-à-vis de la mise en question de cette obsession" (p. 70) [Nossa tradução do original em francês: em *As Coisas* é minha própria experiência que eu descrevo e a experiência de um grupo de amigos, de pessoas que eu conhecia naquela época, esta época na qual a gente passa do status de estudante para a vida civil, à vida cotidiana, na qual era preciso ganhar a vida. Éramos, durante uma boa parte desses anos, como muitas pessoas, quase todo mundo na França, completamente fascinados pela possessão de belas xícaras, aparelhos eletrodomésticos, de redes Hifi; logo é realmente saído de minha própria – eu não gosto muito da palavra tormento – obsessão e da recusa que eu tinha em relação ao questionamento dessa obsessão].

30 Sugerimos a leitura do livro BAUDRILLARD, J. *La Société de Consommation – ses mythes et ses structures*. Rocco: Rio de Janeiro, 2001. como uma obra relativamente didática e bastante completa para interessados em buscar mais informações sobre o tema, além dos livros citados nas referências.

poder econômico da população que possibilitou uma rápida expansão do consumismo em sua sociedade. O forte crescimento econômico francês ocorre concomitantemente com as lutas pró-independência das colônias europeias na África e na Ásia e, conseqüentemente, uma série de guerras de independência na qual a França se envolve a partir do fim da década de 1950 (UNESCO, 2009).

As guerras coloniais e suas conseqüências na então metrópole são alguns dos principais acontecimentos políticos e sociais na França no início da década e que tiveram muita influência posteriormente (UNESCO, 2009). Até mesmo em *Les Choses*, obra escrita e publicada ainda em meados dos anos 1960, são perceptíveis as reverberações das guerras, em especial a da Argélia (1954-1962), importante conflito que pôs em questão o domínio colonial francês na África e inspirou outros movimentos independentistas no continente.

As lutas por independência ocorreram por toda a África e em antigos territórios coloniais ao redor do mundo, como um processo em certa medida lento devido a sua complexidade, mas que se estendeu por vários territórios dominados.

A luta pelo reino político – ou pela soberania política – na África colonial se desdobrou em quatro etapas, por vezes entrecruzadas nos fatos mas, nitidamente passíveis de análise. Antes da Segunda Guerra Mundial, produziu-se primeiramente uma fase de agitação das elites em favor de uma maior autonomia. A ela seguiu-se um período caracterizado pela participação das massas na luta contra o nazismo e o fascismo. Adveio, em seguida, após a Segunda Guerra Mundial, a luta não violenta das massas por uma total independência. Finalmente, sobreveio o combate armado pelo reino político: a guerrilha contra os governos de minoria branca, sobretudo a partir dos anos 1960. (UNESCO, 2010. p. 126)

Em outras palavras, os processos de independência na África ocorreram em várias etapas e tiveram grande impacto na vida dos indivíduos das sociedades que passaram por esses processos. No entanto, os efeitos nos países que perderam territórios, caso da França, são claramente distintos das dos países que ganharam sua soberania política, como é o caso da Angola de Pepetela.

Estes conflitos ocorrem durante toda segunda metade do século XX, período de criação dos romances aqui estudados, e foram muito mais sentidos na África do que na Europa, ainda havendo conflitos no continente mesmo depois da descolonização. Angola não foi exceção e, como já abordado anteriormente, passou

por uma guerra de independência, na qual participou Pepetela como guerrilheiro, e após seu desligamento de Portugal passou por uma guerra civil que só teria fim no século XXI (1975-2001). O governo angolano foi formado inicialmente por nomes ligados ao MPLA (Movimento pela Libertação de Angola) e entrou em conflito contra a UNITA³¹ (União Nacional para Independência Total de Angola), que não reconhecia a legitimidade do governo empossado (UNESCO, 2010).

Os dois grupos mais importantes dos conflitos ocorridos em Angola são o MPLA e a UNITA, ambos fundados em Angola por angolanos descontentes com a dominação portuguesa na região. Segundo informações do site oficial do próprio MPLA (<http://mpla.ao/>), o grupo foi fundado oficialmente em 10 de dezembro de 1956, sendo a fusão dos seguintes partidos: PLUAA (Partido de Luta Unida dos Africanos de Angola), o MIA (Movimento para a Independência de Angola), o MINA (Movimento pela Independência Nacional de Angola) e o PCA (Partido Comunista de Angola). Ao fim dos conflitos, o movimento segue no poder do país, sendo até os dias atuais uma das mais importantes forças políticas do país. Fundada anos após seu principal rival, a UNITA é fundada, também de acordo com seu próprio site oficial (<http://www.unitaangola.com/>), em 1966, já durante a guerra civil, após seu primeiro congresso entre os dias 10 e 13 de março deste ano, em resposta à situação social que o país tinha no Norte, na divisa com o Zaire. Enquanto a UNITA combatia próximo a sua cidade de origem, Muangai, o MPLA combatia próximo a Angola, lutando juntos até a independência do país em 11 de novembro de 1975. No entanto, apesar de terem lutado juntos contra a dominação colonial, ambos os movimentos entram em conflito interno posteriormente.

Pinto (2008) resume os períodos pós-independência angolano antes do fim dos conflitos armados da seguinte forma:

Após a independência, o país conheceu dois grandes períodos: o Estado de partido único de inspiração socialista com a economia centralmente planejada entre 1975 e início dos anos noventa; e a abertura democrática com transição para o multipartidarismo a partir da nova Constituição de 1991, que coincidiu também com uma maior abertura ao mercado. (PINTO, 2008. p. 30)

31 Outros movimentos tiveram papel menor nos conflitos, como o FLEC (Frente de Libertação do Enclave de Cabinda) e o FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola).

Os conflitos tiveram início sob forte influência da Guerra Fria, sendo o governo angolano aliado da URSS e Cuba. Com o fim da URSS, o país inicia este processo de abertura econômica e multipartidarismo que ocasionou um curto período de paz. No entanto, a UNITA não aceita a eleição do MPLA ao governo, e os conflitos têm início novamente (PINTO, 2008. UNESCO, 2010). Esse acontecimento é representado em *O Desejo de Kianda*. A sequência de guerras, contra a metrópole e após internamente, ocorreu em outros países além de Angola, porém teve consequências especialmente negativas no país devido à destruição causada e outras crises humanitárias, como corrupção, fome e pobreza (UNESCO, 2010). Contrastando com a guerra que devastava Angola, uma elite abastada aproveita a abertura econômica de 1991 – que aproximava o país do ocidente capitalista, ao contrário do governo até então que possuía inspiração socialista – para aumentar seus lucros e, em consequência, seus gastos, emulando uma sociedade de consumo mais exclusiva e excludente (PINTO, 2008), sendo este mais um ponto criticado por Pepetela e refletido e refratado em *O Desejo de Kianda*.

Os contextos de produção das duas obras foram de grande importância para o desenvolvimento dos dois romances, e seu conhecimento pode auxiliar uma melhor leitura das obras. Apesar de estes contextos serem bastante distintos, partindo destas diferenças pode-se obter uma visão mais geral das sociedades e ideologias da segunda metade do século XX e como estas foram refratadas a partir de suas representações na ficção.

4 POSICIONAMENTOS RESPONSIVOS DAS PERSONAGENS EM PEREC E PEPETELA

Entendendo as ideias desenvolvidas pelo Círculo de Bakhtin, em especial heterodiscurso e ideologia, assim como as ideias de ideologia defendidas pelo marxismo, procuraremos observar de que forma os discursos dominantes e interiormente persuasivos apresentados por Bakhtin (2017c) são representados nas obras selecionadas. Desse modo, analisaremos em diálogo os romances *Les Choses* e *O Desejo de Kianda*, buscando formas de lê-los criticamente. Para tanto, analisaremos estas obras a partir de três categorias, observando como as personagens destes romances respondem aos discursos dominantes, seja aceitando-os, questionando-os ou mesmo rejeitando-os, e como respondem aos sistemas ideológicos em que estão inseridos. Estas obras podem ser lidas a partir de várias outras categorias, é claro. Nós optamos por esta escolha por nos basearmos nas relações que as personagens podem ter com o discurso dominante que Bakhtin sugere (2017c).

Entendemos aqui, além da ideia axiológica de ideologia do Círculo de Bakhtin, a ideia socioeconômica e política de ideologia derivada do discurso marxista para fins de análise. Tendo em vista a coincidência terminológica destas ideias, que, apesar de aparentadas, são distintas, tentaremos ser mais específicos no uso do termo indicando se se trata da ideia marxista ou bakhtiniana, caso haja a necessidade de desambiguação. De outra forma, é necessário que fique previamente claro que ao discutir sobre os discursos das classes dominantes, estaremos nos apoiando na ideologia marxista, enquanto que ao discutir os valores (a axiologia) da dominação, trataremos da ideologia em Bakhtin. As forças sociais e políticas representadas nas obras refletem e refratam a sociedade na qual foram escritas. Deste modo, ambas as concepções nos serão úteis para compreender como os discursos das personagens são formados nas obras em relação a suas ideologias.

Os dois romances selecionados possuem respostas diferentes para as ações ideológicas neles representadas, mesmo que sejam reações para estímulos semelhantes. Entretanto, apesar de haver críticas pontuais tecidas pelas

personagens ou pelos narradores, como veremos mais adiante, os sistemas ideológicos não são completamente rejeitados em nenhuma das duas obras, sendo possível, até mesmo, entendê-las como uma confirmação destes mesmos sistemas como ideais ou naturais. No entanto, é sempre importante lembrar que embora, internamente, os romances pareçam “concordar” com os sistemas neles representados, isso não significa que o projeto estético dos autores seja este. Ambos os romances são bastante críticos em relação aos sistemas representados, mesmo que suas personagens não o sejam. Passemos, então, à primeira categoria.

4.1 Aceitação/submissão da ideologia

Nas obras *Les Choses* e *O Desejo de Kianda*, como já abordado em seção anterior, são representadas duas sociedades distintas e em épocas cronologicamente diferentes, embora ainda pertencentes à segunda metade do século XX. Além disso, estas sociedades refletidas e refratadas nestes romances possuem histórias e geografias que as diferem mais ainda: continentes e hemisférios distintos que geram climas bastante diferentes e com uma longa história na qual um foi colonizador e o outro foi colonizado (embora não diretamente um pelo outro). Apesar de todas essas características que tanto distinguem as sociedades representadas nestas obras, um elemento põe ambas as representações no mesmo patamar: a sociedade de consumo e a vontade de seus protagonistas de ascenderem às classes sociais mais privilegiadas.

As classes privilegiadas social e economicamente (re)produzem as ideologias dominantes, em seu sentido marxista, formando ideologicamente a consciência individual (ENGELS, MARX, 2007; MARX, 2008), como já discutimos anteriormente. Esta divisão social em classes pensada a partir da economia observada por autores marxistas também pode ser observada nas representações ficcionais de sociedades reais, como nas dos autores do *corpus* desta pesquisa. Considerando que as sociedades da segunda metade do século XX no ocidente são, em sua grande maioria, sociedades de economia capitalista, este é um ponto importante a se considerar para que se possa entender suas representações ficcionais.

Deste modo, a aceitação cega e/ou o desejo consciente ou inconsciente de adentrar e/ou de se manter nas classes privilegiadas pode ser lido nas relações

entre as personagens, inclusive na forma em que elas respondem a estímulos de outras personagens que também fazem parte deste sistema ideológico. Vale lembrar aqui que tanto aqueles que estão nas classes sociais “dominantes” quando aqueles que estão sendo “dominados” não controlam a ideologia (seja no sentido bakhtiniano, seja no sentido marxista) que reproduzem e que as ideologias presentes em uma sociedade estão em constante tensão.

O desejo de ascensão econômico e social pode ser percebido ao longo de ambas as obras selecionadas, em maior ou menor grau, tanto por seus protagonistas quanto por suas personagens secundárias. No entanto, tal desejo não age da mesma forma nos dois romances, sendo que em *Pepetela* temos um casal já estabelecido social e economicamente que apenas procura aumentar seu poder, e em *Perec* um casal que deseja esta mesma ascensão já obtida e estabelecida pelo casal de *Pepetela*. Desse modo, os membros destes casais se relacionam de formas diferentes em relação à classe privilegiada/dominante, assim como em relação aos dominados. Entretanto o desejo de fazer parte dos privilegiados pode ser notado em todos, no aproveitamento da posição de poder da esposa Carmina para ter acesso a privilégios no trabalho, no caso de João, por exemplo, ou no caso de Jérôme e Sylvie que pode ser observado mais explicitamente quando o narrador de *Perec* afirma que

Nul projet ne leur serait impossible. Ils ne connaîtraient pas la rancœur, ni l'amertume ni l'envie. Car leurs moyens et leurs désirs s'accorderaient en tous point, en tous temps³². (PEREC, 2002. p. 55)

Neste caso, recursos econômicos se confundem com a própria ideia de realização de seus desejos (*desirs*) e vontades (*envies*), fazendo com que nenhum de seus projetos fossem impossíveis. Esta confusão entre economia e felicidade explicitada em *Perec* também ocorre em *Pepetela*. Voltando ao excerto supracitado, não somente se confunde esta realização, pensando as partes positivas da aquisição de riquezas, mas o narrador também admite ser negativo não possuí-las, posto que sem elas lhes restaria o rancor (*la rancœur*), a amargura (*l'amertume*) e a vontade (*l'envie*). Ressaltamos aqui a dupla possibilidade de compreensão da palavra *envie*, primeiramente entendida aqui como *vontade* e agora como *inveja*. Em língua

³² Nossa tradução do original em francês: “Nenhum projeto lhes seria impossível. Eles não conheceriam o rancor, nem a amargura, nem a inveja. Pois, os meios e os desejos se poriam em acordo em todos os pontos, em todo o tempo.”

francesa, ambas as possibilidades de leitura são viáveis, mas ressaltamos seu entendimento “negativo”, de *inveja*, pois como veremos mais a frente, a construção ideológica que o autor faz das personagens é realizada sobre a ideia do que elas não têm e querem. Como dizíamos anteriormente, possuir recursos econômicos e a autorrealização não são apenas vistos como consequência, mas como *conditio sine qua non* desta realização. Este *envie* é o motor que lhes faz aceitar ou ignorar os discursos dominantes, sendo a necessidade inconsciente que sentem de ter acesso a tais recursos parte do próprio discurso e ideologia dominante no qual as personagens estão inseridas. Além disso, o uso do modo condicional (*s'accorderaient*, “se poriam em acordo”) que não ocorre apenas nesta passagem que selecionamos, mas em todo o primeiro capítulo, marca ainda mais a ideia de condições necessárias para a realização do fato visado a ser efetuado no futuro.

Trabalhar para poder gastar e depois voltar a trabalhar para manter este ciclo de consumo é apresentado em ambas as obras como um desejo a ser alcançado e um fim em si, vista a forte relação com as sociedades capitalistas representadas nas obras. No entanto, os caminhos que as personagens seguem para conseguir alcançar esse objetivo não são os mesmos, dadas suas situações distintas em relação às classes sociais e às forças dominantes em suas sociedades. Sylvie e Jérôme têm sua origem na classe média oriunda de famílias pequeno burguesas, enquanto que, por sua vez, Carmina e João trabalham para o governo, sendo Carmina ocupante de cargos de poder ao longo da obra. Esta diferença de origens e trabalhos faz com que estes casais ajam diferentemente diante das adversidades com as quais se encontram. Enquanto o casal de *Les Choses* luta para adquirir mais recursos para poder usufruir mais de artigos comerciais, o casal de *O Desejo de Kianda* luta para manter e aumentar ainda mais o que já possuem, sendo estas posses ligadas diretamente ao processo de construção político-ideológica do país no pós-independência e que se aprofunda no período posterior à abertura econômica no início da década de 1990 representada na obra.

Estas relações e reações diferentes ocorrem pelas posições sociais que estes personagens ocupam em suas respectivas sociedades. No entanto, apesar de seus autores escolherem representá-las com gradações distintas, ambas as obras representam alguns elementos próximos em relação à aceitação dos

discursos já estabelecidos, dos quais destacamos o consumismo e a alienação/alheamento.

Dentro de sociedades capitalistas, o consumo é um elemento essencial de suas bases. Esta ideia parece ser especialmente sensível dentro de *Les Choses*, sendo o próprio título da obra uma mensagem ao desejo de adquirir *Choses* (coisas) e o próprio *incipit* da obra é a listagem das diversas coisas que o casal de protagonistas sonhava possuir.

L'oeil, d'abord, glisserait sur la moquette grise d'un long corridor, haut et étroit. Les murs seraient des placards de bois clair, dont les ferrures de cuivre luiraient. Trois gravures, représentant l'une Thunderbird, vainqueur à Epsom, l'autre un navire à aubes, le *Ville-de-Montereau*, la troisième une locomotive de Stephenson, mèneraient à une tenture de cuir, retenue pas de gros anneaux de bois noir veiné, et qu'un simple geste suffirait à faire glisser. La moquette, alors, laisserait place à un parquet presque jaune, que trois tapis aux couleurs éteintes recouvriraient partiellement. (PEREC, 2002, p. 51)³³

A escolha de Perec por realizar esta longa listagem de coisas para iniciar o seu romance pode ser lida como uma forma de pôr em evidência a importância que as coisas terão ao longo da narrativa, assim como para mostrar como os indivíduos não são importantes numa sociedade puramente consumista. Esta ideia de falta de individualidade será abordada mais adiante, pois ela é uma chave de leitura interessante para as escolhas feitas pelo autor. A descrição citada acima é iniciada na página 51 e só é interrompida na página 55, constando apenas com a listagem de coisas que Jérôme e Sylvie desejavam e não possuíam. Novamente se faz notar o uso do modo condicional pelo narrador ao listar as coisas que gostariam de possuir (apenas nesta passagem são utilizados sete verbos neste modo, a saber “glisserait”, “seraient”, “luirait”, “mèneraient”, “suffirait”, “laisserait” e “recouvriraient”), o que reforça a ideia de que a obtenção de coisas é condição para alcançar o que desejam. O modo condicional dará espaço ao presente do indicativo na medida em que se passa da descrição do que os protagonistas têm vontade para

33 Nossa tradução do original em francês: “O olho, primeiramente, passaria pelo carpete cinza de um longo corredor, alto e estreito. As paredes seriam armários de madeira clara, cujas peças de metal brilhariam. Três gravuras representariam uma Thunderbird, campeão em Epsom, outra um navio ao amanhecer, o *Ville-de-Montereau*, a terceira uma gravura de uma locomotiva de Stephenson, levariam a uma cortina de couro, presas por grossas argolas de madeira com veios, e que um simples gesto seria suficiente para fazê-la deslizar. O tapete, então, deixaria espaço para um chão quase amarelo, que três carpetes de cores claras recobririam parcialmente.”

o que eles fazem. Deste modo, o uso do condicional permanece, estando relacionado com as condições para realização de seus desejos de consumo, refletindo com *seriam* suas coisas e não como são. Neste momento, mesmo que com o uso de listas, o modo condicional desaparece dando espaço ao presente de narração, típico do gênero romance. O uso de listas por parte de Perec é, inclusive, uma de suas principais características, sendo um recurso muito aplicado neste romance, o que evidencia a importância da enumeração de substantivos sobre a narração das (re)ações das pessoas em suas obras. Este recurso é comum por toda a obra de Perec, mas especialmente interessante aqui, posto que as personagens e as coisas são postas em relação ao longo da obra.

Embora vindos de famílias pequeno-burguesas, o desejo de riqueza é apresentado na narração quase como um propósito inquestionável para a vida e não querer ser rico é percebido com certa estranheza. Para o narrador, ecoando as vozes dos protagonistas, ser rico era o natural, pois “*pour ce jeune couple, qui n’était pas riche, mais qui désirait l’être, simplement parce qu’il n’était pas pauvre, il n’existait pas de situation plus inconfortable.*”³⁴ (PEREC, 2002, p. 55). O consumismo em Perec é representado não apenas pela vontade de gastar, apresentada em alguns momentos, mas mais especificamente pela vontade de serem ricos (*qui désirait l’être*), sendo o consumo uma consequência que os protagonistas creem óbvia. A ideologia representada na obra refletia e refratava um fenômeno cultural próprio de sua época, em que a falta de consumo/consumismo e não possuir desejos de progresso econômico são considerados uma situação estranha, ou nas palavras de Perec “desconfortável” (*inconfortable*). A palavra *inconfortable* é importante por sintetizar o sentimento que as personagens sentem, em ambos os romances, por não terem acesso a mais bens de consumo, mas que têm desejo e vontade (para retomar palavras já comentadas a cima).

Enquanto o consumismo já faz parte da sociedade representada em *Les Choses*, em *O Desejo de Kianda* há uma importante mudança no regime político e econômico que passa do inicial regime de inspiração socialista instaurado após a independência em relação a Portugal para um regime de comércio livre próximo do liberalismo capitalista praticado nos países do Ocidente. Carmina fazia parte do antigo regime e se aproveitava de seus poder e prestígio para possuir mais

34 Nossa tradução do original em francês: “Para esse jovem casal que não era rico, mas que desejava o ser, simplesmente porque não eram pobres, não existia situação mais desconfortável.”

privilégios na sociedade. Um exemplo disso é seu casamento, cuja cerimônia foi completamente financiada pelo Governo (p. 12) e mesmo o presente de casamento que Carmina oferece para João, um computador, também fora comprado por seu partido político (p. 7). Com a mudança no regime, Carmina se abate muito, pois a mudança para um regime de mercado consumista iria contra seus ideais atuais. No entanto, este descontentamento desaparece quando Carmina anuncia a João que ela pretende se tornar empresária (p. 21), utilizando seus contatos políticos e influência para facilitar alcançar seus objetivos de fortuna (aproximando-a neste sentido do casal de *Les Choses*). É interessante notar como Pepetela constrói a personagem de Carmina, pondo-a sempre em tensão entre o discurso que ela defendia antes da abertura econômica e o discurso que ela adota (ou admite mais abertamente) após esse acontecimento.

Tem-se, neste momento, uma mudança chave na percepção e formação ideológica de Carmina que refletirá nos personagens a sua volta. A mudança formal do regime político, incluindo aí seus discursos exteriormente dominantes juntamente a alguns de meios de manutenção de seu discurso exteriormente dominante, como jornais oficiais do estado e controle estatal da mídia e do ensino, por exemplo. Esta mudança da responsividade de Carmina representada pelo autor no romance também ocorreu fora da personagem, sendo uma refração/reflexo das mudanças e tensões ideológicas que ocorriam na sociedade, dentro e fora do romance, sendo estes acontecimentos muito influentes na história recente de Angola. Neste contexto, diferentemente de João que permanece indiferente perante estes incidentes, Carmina cai em depressão por questionar os rumos de seu país e suas próprias escolhas. No entanto, ao aceitar sua nova situação e inclusive o novo discurso externamente dominante que ela deliberadamente adota e defende, tornando-se mais uma capitalista, Carmina começa a seguir conscientemente o novo discurso dominante.

Nesse novo contexto ideológico, Carmina não se nega até mesmo a se envolver em negócios eticamente duvidosos ou mesmo ilegais. Um exemplo disso é o momento em que ela decide importar armas para Angola para os combates do governo usarem durante a Guerra Civil (o que era proibido por determinações internacionais, ecoando incidentes ocorridos fora da obra):

– Mas, Carmina, já te meteste nisso?

– Claro, já mandei os faxes. Agora é só esperar a bufunfa. E há outro negócio ainda maior no Oriente. Daqui a umas semanas.

– Não sei não. Negócio de armas dá confusão...

– Confusão nenhuma. São para nos defendermos. E temos a legalidade do nosso lado, não ganhámos as eleições, declaradas livres e justas pela ONU? E então? Temos ou não temos o direito de nos defender? Esse embargo foi criado pelos americanos só para que os outros tomem o poder pela força. E já há muitas pressões internacionais para que os americanos declarem o embargo injusto.

– Sei disso, mas é dinheiro sujo...

– Drogas é que são negócios sujos. Com drogas nunca me meterei, claro. Este não, é limpo e legítimo. (PEPETELA, 2008. p. 57)

Nesta passagem, o casal de *O Desejo de Kianda* se confronta por causa das mudanças de posicionamentos ideológicos de Carmina e as contradições de suas ações anteriores e atuais. Aqui o autor cria um primeiro momento de tensão explícita entre as personagens no qual João questiona as ações da esposa, tratando como “sujo” o dinheiro que Carmina receberia por ser originado na venda de armas. É possível notar a naturalidade com que Carmina trata a acumulação de bens, a qual era outrora contra, através de palavras escolhidas pelo autor para dar um tom de um discurso descontraído, como “bufunfa”, enquanto João, desconfortável pela situação, se mantém – apesar de geralmente pouco falar quando está com a mulher – utilizando palavras mais amenas ao tentar dissuadir sua esposa. Carmina defende seu ponto de vista se apoiando no reconhecimento das eleições por parte da ONU – evocada como bússola moral, quando conveniente – e pondo como limite moral não se envolver com drogas. João discorda por ainda acreditar no discurso ideológico anterior e por não entender a necessidade de ganhar mais dinheiro, principalmente dinheiro “sujo”, sendo que o acúmulo desenfreado de capital é contrário ao que o casal acreditava. Esta dualidade de posicionamentos representada pelo autor neste momento é importante para marcar, dentro da obra, as mudanças nas tomadas de decisão de Carmina atualmente em contraste com o que ela defendia anteriormente, cujo discurso ecoa na fala de João. Este contraste/tensão entre o que era defendido por CCC e suas ações atuais é recorrente durante o romance, como veremos mais adiante, mas também demonstra como as mudanças discursivas/ideológicas externas influenciam os indivíduos, levando pessoas até então vistas como íntegras a realizar ações questionáveis, como a corrupção vista no mundo da obra e no

mundo da vida, muito criticada pelo autor nas obras escritas no mesmo período que *O Desejo de Kianda* e posteriormente, como já comentado anteriormente.

Neste sentido e guardadas as devidas proporções, o casal de *O Desejo de Kianda* segue o mesmo caminho do casal de *Les Choses*. Além de consumir sem uma aparente necessidade – por exemplo, Carmina compra um carro novo, pois os carros japoneses estavam na moda (p. 69) –, também há a preocupação de “modernizar” sua casa fazendo uma grande reforma, o que, em certa medida, destoa do fato de que os prédios da vizinhança estejam caindo, e Carmina só esteja preocupada com o interior do seu próprio apartamento, sendo ela mesma parte do governo durante a maior parte dos ocorridos da Síndrome de Luanda. A queda dos prédios narrada no romance a partir do mito local de Kianda é uma alegoria proposta pelo autor para a decadência da sociedade representada no romance. Deste modo, Pepetela cria uma relação entre um desejo de tranquilidade e cuidado com a natureza, em detrimento do desenvolvimentismo descontrolado visto principalmente na abertura econômica angolana, mas também nos períodos coloniais e no pós-independência, épocas essas em que o Kinaxixi foi aterrado, perturbando o equilíbrio natural, representado no romance através da personagem de Kianda.

Em ambas as obras, os autores utilizam o consumismo das personagens como uma estratégia de fuga. Jérôme e Sylvie consumiam para se sentir menos “como eles eram”, nem ricos e nem pobres, apenas parte da classe média. Carmina e João consumiam para se sentirem mais próximos da nova elite que se formava. Em *Les Choses*, o consumismo toma uma proporção alienante para seus protagonistas. Consumir era uma forma de ter um propósito para a própria vida, alheando-os de suas próprias identidades. O já citado *Dicionário de Política* descreve a ideia de alienação da seguinte forma:

O uso corrente do termo designa, freqüentemente em forma genérica, uma situação psicossociológica de perda da própria identidade individual ou coletiva, relacionada com uma situação negativa de dependência e de falta de autonomia (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998. p. 20).

A formação ideológica das personagens é marcada, pois, por essa “alienação” quando se integram no consumismo ditado seja de forma internamente persuasiva, seja de forma direta através de propagandas nas diversas mídias (discurso

autoritário), por exemplo. Esta alienação de si mesmos diante das *coisas* que devem comprar é introduzida pelo autor em vários momentos na obra, das quais destacamos algumas passagens importantes. Primeiramente, o fato de que o autor só dá nome às personagens a partir da 11ª página, no capítulo III – sendo até então tratados apenas por “eles”; sendo assim, o narrador não denunciava sequer a quantidade de personagens ou seu sexo. Eles só terão identidades realmente distintas ao final do romance quando começam a ter ocupações distintas – enquanto que as coisas são nomeadas e listadas ostensivamente desde seu primeiro momento do romance. Além de eles mesmos não serem representados muitas vezes como indivíduos, seus amigos e colegas de trabalho também não o são. Perec escolhe utilizar essa estratégia por meio da qual seu narrador individualiza e representa como algo importante apenas as coisas, procedimento que salta aos olhos desde o começo da narrativa na descrição da casa ideal que ocupa todo o primeiro capítulo ou na descrição do apartamento do casal, nas páginas 56/7. Nestas duas passagens, a relação entre o modo condicional, já citada anteriormente, e o presente do indicativo fica mais forte, uma longa descrição do que gostariam de ter (com a condição de terem recursos) e a pequena descrição do que realmente têm, que apesar de menor que descrição condicional ainda é maior do que a apresentação das personagens do romance, assim como o uso de adjetivos é mais abundante ao se tratar das coisas do que ao se tratar da caracterização das personagens.

Por meio desses recursos, é possível perceber que o autor faz com que todas as preocupações e sonhos de Jérôme e Sylvie se resumam em consumir e trabalhar para voltar a consumir. A preocupação com dinheiro chega mesmo a fazê-los brigar por causa de economias na página 88, em um período em que já haviam se desencantado com a busca desenfreada por dinheiro. O consumismo se mantém como uma situação de dependência e que causava esta alienação das personagens, em acordo com o *Dicionário de Política*. Esta situação se desenrola até haver um primeiro momento de ruptura para eles, a Guerra da Argélia, sendo este o primeiro motivador para que ambos comecem a questionar a ideologia e o discurso no qual estavam inseridos.

A guerra também é um elemento importante em *O Desejo de Kianda*, porém ao contrário de *Les Choses* a guerra acaba propiciando o alheamento e alienação

em vez de fazer os personagens o questionarem. João recebe um computador de presente de casamento de Carmina, e com o recomeço da guerra civil em Angola, após as primeiras eleições pós abertura econômica, começa a jogar um jogo no computador sobre a civilização romana. Dessa forma, o autor utiliza a guerra aqui de dois pontos de vista distintos: enquanto João fazia conquistas em seu videogame, passando horas nele e se alheando completamente à guerra que ocorria a sua volta, Carmina se engajava pela manutenção do *status quo* atual, se esforçando por se manter no sistema ideológico atual, apoiando na medida do possível e se preocupando bastante com os rumos dos conflitos. Outro ponto que difere a alienação através dos jogos de João e da alienação através do consumo de Jérôme e Sylvie (e em certa medida de Carmina) é que ela não é passageira: enquanto estes questionam, aquele se mantém firme, apenas mudando de jogo quando o termina. O autor torna a sua relação com o computador e os jogos ainda mais visível ao fim do romance, quando seu prédio é atingido por Kianda, caindo, e ao invés de buscar por sua esposa, que tentava alcançar, João opta por tentar se agarrar ao computador. Segundo projeto estético-ideológico do autor, o vício em videogames é acentuado, pois afasta João das preocupações com o trabalho, dos problemas com os amigos que perderam a casa devida à Síndrome de Luanda, dos problemas com a guerra e mesmo problemas domésticos com Carmina e a reforma de seu apartamento. Ao discutir sobre o vício em videogames, Meneses (2015) afirma que o

vício constantemente aparece ligado às ideias de embotamento, alienação e desumanização. Estaria o usuário de jogos eletrônicos se tornando um autômato, deixando de ser humano ou perdendo a essência de sua humanidade? (p. 30).

Neste sentido, a personagem de João é utilizada por Pepetela como alguém que usa os jogos de computador como fuga para seus problemas e os problemas sociais a sua volta. Esta utilização escolhida pelo autor de mostrar um protagonista escolher conscientemente não se envolver em seus problemas sociais é uma forma interessante de refratar, a partir do seu posicionamento axiológico e projeto estético-ideológico, o próprio alheamento desta sociedade. Visto que a fuga e o alheamento de João são parte do próprio sistema no qual ele está inserindo, na alienação pelo jogo, o indivíduo não questiona o sistema, aceitando-o mais facilmente, sendo, pois, uma (re)ação não apenas socialmente aceita como esperável e que Pepetela aponta de forma bastante precisa.

Enquanto João foge dos questionamentos sociais, mantendo-se em seu jogo e, assim, apenas aceitando-os, Carmina se aproxima das ações e reações das personagens de *Perec*, apesar de fazê-lo em um grau diferente, preocupando-se com como consumir mais e como ganhar mais dinheiro, como no projeto de compra de armas já citado. Com a escolha dessa ação a ser executada pela personagem, o autor busca representar a falta de ética das elites no poder e a preocupação com o lucro da personagem, refletindo e refratando a própria (re)ação das elites do país. Esta falta de ética e outras incongruências dos discursos atual e anterior de CCC levarão João a questionar sua esposa em alguns momentos durante o romance, como já comentado anteriormente, e que ainda será discutido mais adiante.

O discurso ideológico em *Les Choses* e aquele após as mudanças políticas em *O Desejo de Kianda* é representado como algo dado e óbvio: vive-se em um sistema capitalista/consumista e este é aceito como normal ou natural. Este discurso refrata ideologias presentes nas sociedades representadas nas obras que agem principalmente de forma internamente persuasiva, mas também possuindo formas externamente dominantes, como as mídias controladas pelo estado que confirmam a ideologia dominante visto em *Pepetela*. A aceitação desses discursos, apesar de majoritariamente ocorrer sem questionamentos, ainda é posta em questão algumas vezes nas obras, sendo este o próximo passo de nossa discussão.

4.2 Questionamento da ideologia

Embora nunca de forma total, nem tampouco de maneira definitiva, as ideologias representadas nos romances são postas em questionamento em alguns momentos durante o decorrer das narrativas, de forma mais decisiva com uma ruptura em *Les Choses* e em menor grau em *O Desejo de Kianda*, pois os protagonistas apenas respondem a uma tentativa de mudança ideológica por parte de terceiros. Como já dito anteriormente, o sistema capitalista tem por características representadas nos romances o consumismo e modelos de vida que normalizam o desejo de crescimento econômico contínuo para manutenção do consumo e de seu próprio sistema. No entanto, por ser um sistema ideológico em que uma de suas bases é a alienação, que meios poderiam ser empregados pelo autor para se questionar este sistema? Em ambas as obras, um primeiro momento

de desvio da ordem ideológica vigente se deu devido a um elemento em comum: a guerra. A Guerra da Argélia, em Perec, e a Guerra Civil Angolana, em Pepetela, são momentos, nos enredos, em que se começa a questionar as ações, assim como as decisões que as personagens estão tomando, mesmo que estes questionamentos não se desdobrem das mesmas maneiras nos dois romances.

Diferentemente de *Les Choses*, em *O Desejo de Kianda* os combates ocorrem no próprio território nacional em que estão as personagens (mesmo que não necessariamente próximo a elas). No entanto, as mudanças ocorridas e respostas dadas pelas personagens de *Les Choses* são mais imediatas, criando a possibilidade de ruptura que muda o rumo que o romance estava tendo até então. Perec reflete e refrata a sociedade francesa dos anos de 1960, que começa a questionar o discurso colonial(ista) vigente muito influenciada pelos primeiros conflitos que começavam a ocorrer nas antigas colônias europeias. Neste sentido, a representação dos conflitos pró-independência na África não funciona apenas como pano de fundo para o romance, localizando-o na história, mas sim como um ponto importante para transformações nos posicionamentos ideológicos das personagens.

A Guerra da Argélia foi um conflito armado muito importante para a história recente da França e teve muita influência na política francesa em relação a suas demais colônias e na maneira como a população via o imperialismo francês em sua época. Após o início desta guerra, outros conflitos tiveram lugar na África, culminando em muitas outras guerras de libertação, como as ocorridas nas antigas colônias portuguesas ecoadas na obra de Pepetela. Com a dificuldade de agir em solo africano, muitos apoiadores da descolonização agiam e militavam na Europa (por exemplo, Frantz Fanon e Sartre em relação à Argélia e em certo período o próprio Pepetela em relação a Angola). Esta militância longe das zonas de conflito foi útil para a divulgação fora da África em relação ao que ocorria no continente. Esta organização social e política é representada por Perec através de seus protagonistas. No entanto, suas relações com os conflitos são apresentadas pelo narrador, indicando que eles não tinham entusiasmo pelo conflito, como será visto na citação abaixo.

Um comitê político contrário à guerra é formado no bairro de Jérôme e Sylvie, o que acaba os envolvendo nas movimentações embora eles não se vejam realmente implicados no assunto, apenas se sentindo na obrigação de se

envolverem. Este alheamento representado por Perec por parte de suas personagens reflete um certo alheamento político de sua sociedade em relação a tais assuntos, visto que a única preocupação que as personagens tinham até o momento era a cumulação de bens. Tendo em vista que a guerra tem seu início em 1954 e o romance se passa nos anos 1960 (apesar de não haver datas específicas para seu início ou fim explicitada pelo autor), percebe-se a indiferença das personagens em relação aos conflitos que teriam seu final oficial apenas em 1962. Seu alheamento fica ainda mais evidente quando o narrador afirma que

[L]a guerre d'Algérie avait commencé avec eux, elle continuait sous ses yeux. Elle ne les affectait qu'à peine; ils agissaient parfois, mais ils se sentaient rarement obligés d'agir. Longtemps, ils ne pensèrent pas que leur vie, leur avenir, leurs conceptions puissent un jour s'en trouver bouleversés³⁵ (PEREC, 2002. p. 90)

Embora a guerra tivesse começado juntamente a seu relacionamento (*la guerre d'Algérie avait commencé avec eux*), ela foi representada, na narrativa, como uma coisa que não lhes afetava diretamente (*Elle ne les affectait qu'à peine*), logo não a entendiam como algo que lhes dissesse respeito ou que lhes fosse importante ao ponto de quererem ou se verem obrigados a agir responsivamente. O alheamento em relação à guerra que ocorria há anos na Argélia era tão grande que eles não viam nem mesmo como eles poderiam ser perturbados (*bouleversés*) por ela. É importante notar que, como já havíamos comentado anteriormente, o casal de *Les Choses* não costuma ser referenciado pelo narrador de forma individual sendo tratados sempre pelo pronome plural de terceira pessoa (*ils, eux, ses, les, leur*). Este uso repetitivo da terceira pessoa do plural nos momentos em que o narrador os evoca, embora possa ser visto como um mero recurso de referenciação para evitar repetições, acaba por demonstrar a falta de individualidade de Jérôme e Sylvie e mesmo uma falta de individualidade da sociedade representada pelo autor. Durante o período em que eram estudantes, participavam ativamente de reuniões e manifestações estudantis relacionadas à guerra, por se sentirem na obrigação de o fazer, sem responsividade. No entanto, com o passar do tempo deixaram de se preocupar com ela, achando que a ela havia sido apenas um acontecimento

35 Nossa tradução do original em francês: A Guerra da Argélia tinha começado junto com eles, ela continuava sob seus olhos. Ela só os afetava ligeiramente; eles agiam às vezes, mas raramente se sentiam obrigados a agir. Por muito tempo, não pensaram que suas vidas, seus futuros, suas concepções pudessem um dia encontrar-se perturbadas pela guerra.

“episódico” de juventude (p. 91), o que explica a relação apática que eles têm após saírem da vida estudantil e terem suas próprias preocupações “adultas”, mostrando a progressão do alheamento inicialmente parcial até chegar a ser total até se encontrarem perturbados pela guerra (*s’en trouver bouleversés*). O sentimento de indiferença que Perec escolheu dar para as personagens nesse momento contrasta com o desejo de mudança que eles terão mais adiante no romance. Ao evocar a guerra e a urgência que ela provoca, Perec cria uma situação que não só torna as personagens mais profundas, dando-lhes outras relações com o mundo narrado fora o consumismo, como cria uma possibilidade de transformação para elas.

A indiferença do casal de *Les Choses* muda em razão de alguns acontecimentos ocorridos entre os anos de 1961 e 1962, como uma tentativa de golpe de estado na França e um massacre ocorrido no metrô de Charonne que de fato ocorreram no mundo da vida e são representados nela. Sylvie e Jérôme se sentem implicados aos acontecimentos relacionados à Guerra³⁶, visto que eles estão refletindo em seus modos de vida, e esse impacto os faz repensar seus posicionamentos ideológicos até então nunca postos em dúvida. O autor faz com que, nesse momento, a pressão dos acontecimentos os leve a tomar uma posição responsiva diante deles, mas ainda não os faz se sentirem implicados: *“La pression des événements les amena à prendre position. Certes, leur engagement n’était qu’épidermique; à aucun moment, ils ne se sentirent fondamentalement concernés”*³⁷ (PEREC, 2002. p. 93). A guerra lhes dava medo, mas não o suficiente para (re)agirem ativamente, participando de manifestações, por exemplo. A importância que davam era apenas superficial (*épidermique*, epidérmico), e o fato de eles não se sentirem “fundamentalmente envolvidos” aos acontecimentos, fazia com que suas respostas permanecessem passivas. É interessante notar como Perec cria tensão entre a vontade/desejo das personagens de agir ao mesmo tempo que os faz temer sair de sua zona de conforto e agir ativo-responsivamente em relação às mudanças ideológicas que ocorrem ao seu redor. Novamente, esse procedimento autoral pode ser lido como uma forma de refletir e refratar a sociedade da época que assistia passivamente ao desenrolar dos conflitos no antigo império francês. A representação realizada por Perec de uma sociedade “passiva” em relação a

36 Acontecimentos já comentados na nota 26.

37 Nossa tradução do original em francês: “A pressão dos acontecimentos os levou a tomar posição. Sem dúvida, seu engajamento era apenas epidérmico; em nenhum momento eles se sentiram fundamentalmente envolvidos”.

barbáries ainda é atual, mesmo com a distância histórica entre sua publicação e atualmente. O casal criado pelo escritor age nessa tensão ideológica, buscando realizar seus desejos, mas temendo os meios para obtê-los.

É nesse contexto de tensão que o autor leva Sylvie e Jérôme a questionar os discursos ideológicos que até então seguiam tão cegamente. Após o final dos conflitos, eles sentem que algo acabou na vida deles, e é com este sentimento que eles passam a repensar e rever suas ações e suas escolhas. Mesmo o consumismo e a busca desesperada por dinheiro é deixada de lado.

Ils virent leurs anciens amis s'installer, presque sans peine, presque trop bien, dans une hiérarchie rigide, et adhérer, sans recul, au monde dans lequel il entraient. Ils les virent s'aplatir, s'insinuer, se prendre au jeu de leur pouvoir de leur influence, de leur responsabilité. À travers eux ils croyaient découvrir l'exact envers de leur propre monde: celui qui justifiait, em bloc, l'argent, le travail, la publicité, les compétences, un monde sérieux des cadres, le monde de la puissance: ils n'étaient pas loin de penser que leurs anciens amis étaient en train de se faire avoir.³⁸ (PEREC, 2002. p. 98)

Aqui novamente percebemos como as personagens permanecem sendo referenciadas pelo narrador de forma distante através da terceira pessoa do plural ou da perífrase “*anciens amis*” (antigos/velhos amigos). A não individualização realizada pelo narrador não apenas em relação aos protagonistas do romance, mas também àqueles que os circundam, reforça nossa interpretação de que o autor refrata a sociedade de forma que aqueles que fazem parte dela não sejam vistos como indivíduos, sendo apenas peças de uma estrutura. O próprio modo de vida que eles desejavam é parte desta superestrutura – para utilizar um vocabulário marxista. Além disso, este modo de vida descrito pelo narrador no excerto acima e que Jérôme e Sylvie desejavam é dito como o oposto da vida que eles levavam (*l'exact envers de leur propre monde*). No entanto, este mesmo modo de vida que eles têm desejo e vontade não é evocado pelo narrador como agradável, possuindo uma hierarquia rígida (*hiérarchie rigide*), ao contrário da liberdade que tanto gostam de ter, além de ser necessário se diminuir/aplanar para que possam entrar nesse

38 Nossa tradução do original em francês: Eles viram seus antigos amigos se instalar, quase sem problemas, quase bem demais, em uma hierarquia rígida, e aderir, sem recuo, no mundo no qual eles entraram. Eles os viram se aplanar, se insinuar, se apegar ao jogo de seus poderes, de suas influências, de suas responsabilidades. Através deles, eles acreditavam descobrir o exato oposto de seu próprio mundo: este que justificava, em bloco, o dinheiro, o trabalho, a publicidade, as competências, um mundo sério de quadros, o mundo do poder: eles não estavam longe de pensar que seus amigos estavam sendo enganados.

jogo de poder (*s'aplatir, s'insinuer, se prendre au jeu de leur pouvoir*). Embora desejem muito mudar de vida, a vida que eles afirmam desejar contradiz seus próprios desejos/vontades. Em outras palavras, esta passagem mostra o trabalho autoral, ao criar as contradições que Jérôme e Sylvie viviam: ao mesmo tempo que desejavam esta vida, eles achavam que entrar nela seria uma armadilha ou que eles estariam sendo enganados (*[ils] étaient en train de se faire avoir*).

Os discursos consumistas da sociedade representada em *Les Choses* propagados majoritariamente de forma internamente persuasiva e reproduzida através da mídia, de revistas, de conversas entre as personagens apontadas pelo narrador e que inundam uma sociedade capitalista começam a ser questionados em seus elementos básicos, como seu trabalho e as coisas que adquirem. Seu cotidiano passa a ser desconfortável, pois não veem mais sentido no que vinham fazendo. A voz do narrador e dos protagonistas quando estes se questionam “*Où étaient les dangers? Où étaient les menaces?*” para concluir em seguida com: “*De millions d'hommes, jadis, se sont battus, et même se battent encore, pour du pain. Jérôme et Sylvie ne croyaient guère que l'on pût se battre pour des divans Chesterfield*”³⁹ (p. 95). Eles não viam perigos e ameaças, ou mais simplesmente desafios, no sistema ideológico em que viviam. Esta falta de desafio em contraste às dificuldades vivenciadas por outros os leva a repensar o sistema em que vivem, questionando-o. Entretanto, este descontentamento com seus modos de vida não é criado de modo a não vir sem dor, visto que “*Ils auraient voulu, parfois, que tout dure, que rien ne bouge. Ils n'auraient qu'à se laisser aller. Leur vie les bercerait*” (p. 95)⁴⁰. De um lado eles querem sair de sua zona de conforto para sentir esses “perigos” (*danger*) e “ameças” (*ménaces*) que o sistema no qual vivem não pode lhes proporcionar; por outro lado, também afirmam desejar permanecer alheados e alienados, que nada mude (*que rien ne bouge*), que tudo permaneça igual (*que tout dure*), para que deste modo não precisem em suas mãos suas próprias decisões. Contudo, na construção dessa tensão axiológica vivida pelos personagens, o autor faz com que, mais à frente, eles rompam totalmente, mesmo que não de forma definitiva, com o sistema

39 Nossa tradução do original em francês: “Onde estão os perigos? Onde estão as ameaças?” “Milhões de homens, outrora, se combateram, e até mesmo se combatem ainda, por um pão. Jérôme e Sylvie não acreditavam muito que fosse possível combater alguém por divãs Chesterfield”.

40 Nossa tradução do original em francês: “Eles teriam, às vezes, querido que tudo dure, que nada mude. Eles só teriam que se deixar serem levados. Suas vidas os embalaria.”

ideológico dominante na sociedade em que viviam, “fugindo” (conforme a escolha lexical feita) para Tunísia a procura dos desafios que não podiam encontrar antes.

A guerra também possui um papel importante nos embates ideológicos contidos em *O Desejo de Kianda*. Como já evocado anteriormente, a obra representa os conflitos internos ocorridos em Angola desde sua independência, retornando após as primeiras eleições do país depois do fim do colonialismo português no território. A guerra prolonga o período de “permanência” do *status quo* anterior (pós-independência e de inspiração marxista) e apenas com o fim dos conflitos⁴¹ e com a aceitação dos resultados da eleição é que Carmina e o novo regime político-ideológico realmente tomam oficialmente o poder. Contudo, nessa construção ideológica de Carmina, o autor permite que as suas decisões e de seus apoiadores muitas vezes vão ao encontro da ideologia colonialista anterior e de encontro com as ideias que a própria Carmina defendia em sua militância, o que faz que João questione os novos discursos de sua esposa, como na já citada passagem sobre a compra e venda de armas, por exemplo. Embora o narrador mostre que a nova ideologia tenha sido questionada em vários momentos do romance por João, e de certa forma pelo próprio narrador, ecoando a voz da crítica de Pepetela, ela nunca é posta em cheque verdadeiramente pelos protagonistas.

Nesse sentido, em três períodos distintos há a vigência de diferentes regimes ideológicos oficiais de estado: o colonial, o período pós-independência de viés socialista e o período atual do romance, ou seja, após a abertura econômica do país. Cada um destes períodos se pretende uma antítese do anterior, embora haja práticas das elites sociais e políticas que permanecem através do tempo e que são questionadas ao longo do romance, porém aceitas como verdades que não podem ser mudadas ou que é simplesmente mais fácil aceitá-las, como discutiremos mais a frente ao comentar as discriminações realizadas por Carmina. Destas atividades, destacamos três pontos em que há perpetuação de práticas ideológicas nos três regimes, a corrupção, a discriminação e o tratamento dos empregados domésticos.

Desde o início do enredo do romance, o narrador revela que Carmina se aproveita de suas relações com o poder oficial do Estado para tirar vantagens. Com sua eleição como deputada isso não muda, e os questionamentos por estas ações

41 O fim dos conflitos neste momento da narrativa, visto que a guerra dura de 1975 a 2001, com alguns momentos de cessar-fogo.

de clara corrupção não partem por motivações “nobres”, mas em geral de machismo ou tradicionalismo. O computador que Carmina dá para João não é questionado por velho Matheus Evangelista por ser fruto de mal uso de bens públicos, mas sim por ser um presente de casamento dado da mulher para o homem, em suas palavras: “onde já se viu noiva dar presente de casamento? E ainda por cima uma máquina que não serve para nada” (p. 7). Nesta fala a voz do narrador e do velho Evangelista se unem através do discurso indireto livre, recurso estilístico muito comum no romance. Além disso, este discurso bivocal ecoa um discurso internamente persuasivo muito recorrente em comunidades patriarcais, na qual o homem deve ser o provedor e a mulher deve apenas receber e cuidar dos afazeres domésticos, o que não ocorre com Carmina e João e desagrada fortemente Matheus Evangelista e o discurso nele ecoado. Vale ressaltar que o presente que “não serve para nada” é um importante elemento (signo ideológico) do romance, tendo a função de auxiliar João em sua fuga da realidade, e por vezes esta fuga é confundida com trabalho devido à dedicação de João ao jogo em detrimento das mudanças ideológicas que ocorrem tanto no sistema social como nas ações individuais de outras personagens. Em outro momento da narrativa, estas mesmas mudanças nas ações/posicionamentos ideológicos ignoradas por João são reconhecidas pelo leitor quando Carmina pretende abrir sua empresa de importações. Embora eles saibam da existência de leis que impedem pessoas políticas de serem donos de empresas, em momento algum João questiona a decisão de Carmina, claramente ilegal, de se tornar empresária, chegando mesmo a lhe dar a ideia de empregar um laranja para ser dono da empresa enquanto ela se mantém como deputada, outro caso de corrupção. Dessa forma, como o autor cria personagens que não são ignorantes da lei, ele permite que uma dualidade seja estabelecida entre o conhecer e o praticar essa lei. Para aumentar esse heterodiscurso em torno do posicionamento ideológico das personagens, o narrador revela que João apenas questiona a decisão de Carmina por não ter sido chamado para ser sócio dela, embora ele mesmo não o quisesse visto que ele achava que não ser chamado seria um tipo de humilhação por sequer ter sido considerado para o trabalho, o que o deixou em sua “frustração de macho amachucado” (p. 26), nas palavras do narrador. Novamente, o não questionamento das ações tomadas pelas personagens, ou seu questionamento parcial pode ser lido em relação com o discurso internamente persuasivo de sistemas patriarcais, ou de forma mais curta com o machismo. A personagem criada

por Pepetela não quer o trabalho de ser sócio, porém considera humilhante que sua mulher não o tenha oferecido, pois, para ele, a oferta seria natural pelo simples fato de ele ser o marido. “Mas o orgulho de macho estava ferido por ela não lhe fazer a proposta” (p. 26), os desejos e vontades de João entram em tensão com o que o discurso machista “espera” dele, o que o acaba frustrando. Isso fica ainda mais claro ao notar a escolha que o autor faz da palavra “macho”, no lugar de homem. A corrupção não ofende nem ao Evangelista pai e nem tampouco ao filho, o que lhes ofende é que Carmina tenha poder e o utilize sem “respeitar” o discurso patriarcal/machista que eles ecoam de forma mais consciente no caso de Matheus, e de forma mais internalizada por João, mesmo que ele não a defenda externamente. É bastante interessante perceber que o autor, ao construir esse heterodiscurso social na obra, insere, também, o discurso patriarcal, aumentando, dessa forma, as tensões discursivas.

A discriminação é representada de duas formas distintas em *O Desejo de Kianda*, inicialmente na forma do “tribalismo”⁴² e posteriormente como discriminação contra um empregado na casa dos protagonistas. No enredo, após a vitória das forças governistas, pessoas da etnia umbundu passaram a ser perseguidas pela população que os acusava de serem contrários ao governo e de terem apoiado as forças rebeldes. Ao saber disso através de João, sua esposa e deputada eleita responde:

– Quê que esperavam? – disse Carmina – Os umbundu não votaram nos nossos inimigos? Agora vão sofrer.

– Nem todos votaram assim, os resultados estão aí para provar. E eles são também povo, já esqueceste as lições antigas? – disse o marido – É preciso sempre defender a unidade nacional, um só Povo, uma só Nação.

– São umbundu, deixaram de ser povo. (PEPETELA, 2008, p. 51-2)

Nesta passagem, a voz de Carmina é estabelecida pela oposição clara entre ela e os outros, sendo que neste segundo grupo todos são considerados como “inimigos”

42 “Tribalismo” é um termo muito utilizado em Angola e em outros países de língua portuguesa em África para falar, geralmente de forma negativa, sobre as relações que as pessoas têm com sua própria etnia, as “tribos” e com as demais etnias. O termo é geralmente utilizado quando se fala sobre relações de preconceito ou discriminação entre as diversas etnias pertencentes aos Estados africanos pós-independência e foi muito importante na história recente Angola. Para mais informações, sugerimos a leitura de *Etnicidade e racismo em Angola: da luta de libertação ao pleito eleitoral de 1992*, de Tatiana Pereira Leite Pinto que trata sobre este fenômeno até as eleições de 1992 presente em *O Desejo de Kianda*.

e que por não concordarem com o ponto de vista vencedor, toda essa população deixaria de ser considerada digna de ser “povo”. No mundo da vida, os Umbundu eram considerados historicamente como colaboradores da UNITA, sendo este o motivo de sua perseguição. O slogan “um só Povo, uma só Nação” foi muito difundido em Angola como uma tentativa de apaziguar as tensões envolvendo a multiplicidade étnica, linguística e cultural do país e é representada no romance em um eco às crescentes tensões vivenciadas em Angola e até hoje sensíveis. Ao evocá-lo no romance, o personagem João busca dissuadir Carmina da perseguição aos “inimigos”. No entanto, a resposta dela é um posicionamento axiológico em torno da despersonalização do outro, pois no momento em que, virtualmente, discordaram dela, eles “deixaram de ser povo”. Este discurso se distancia diametralmente da ideia propagada pelo governo (do qual fazia parte Carmina e para o qual acaba de ser eleita) no qual todos, independentemente da origem, são angolanos. Esse enunciado bivocal de Carmina (Carmina e todos aqueles que, na vida, tomariam semelhante posicionamento ideológico) divide o mundo (real e ficcional) entre aliados e inimigos, mesmo que esta forma de conceber o mundo contradiga o que é defendido pelo governo que ela mesma integra. Outro aspecto importante que este diálogo demonstra é a representação da falta de uma lógica no raciocínio discriminatório; afinal, como João ressalta, não é possível que todos os umbundu tenham votado contra o MPLA, já que o partido venceu as eleições e “os resultados estão aí para provar”. As ações de Carmina neste momento do enredo mostram que, para ela, o “tribalismo”/discriminação pode ser aceito em casos de desacordo político-ideológico, o que contradiz seu discurso antes da abertura econômica. As contradições observadas na personagem de Carmina e as mudanças vistas em seu discurso podem facilmente ser lidas como reflexo/refração das próprias contradições observadas no período histórico representado no romance. Ao representar Carmina, uma força política jovem e com muitas possibilidades de crescimento, como alguém que se dobra ao discurso do sistema ideológico dominante é uma maneira eficiente de Pepetela apontar as contradições dos próprios dirigentes do país. Embora haja a defesa de valores publicamente, em particular o discurso discriminatório ainda é o dominante, o que também pode ser notado no exemplo seguinte.

O outro caso de discriminação encontrado na narrativa ocorre contra um empregado português, Sô Ribeiro, que trabalhava em uma reforma na casa de João e Carmina. Sô Ribeiro é pego por Carmina aos beijos em sua cozinha com sua empregada, Joana. Ela se irrita demasiadamente com isso e diz “raio de branco de merda, lá porque é casa de negros julga que pode fazer tudo, espumava Carmina” (p. 86), sendo veementemente cortada por João com um berro. O autor não deixa claro na narrativa se Carmina parou com sua reclamação e saiu de lá, pois João “ousara” lhe falar tão firmemente ou se por realmente ter visto mal em sua ação, “afinal passara toda a juventude a gritar abaixo o racismo e ele aparecia à tona na primeira ocasião” (p. 86-7). Esta rápida sequência representa um complexo diálogo ideológico entre os discursos de dominados e dominadores. Carmina, apesar de possuir poder social e econômico muito superiores aos de Sô Ribeiro, se sente ameaçada pelo europeu, como um reflexo da internalização da colonização recente em que os negros colonizados eram diminuídos e desumanizados em detrimento do branco colonizador⁴³. A internalização do discurso colonizador faz com que Carmina o reproduza inconscientemente em seu próprio discurso, como é possível notar através de sua fala, quando ela chama seu espaço como “casa de negros” e o opõe e a si mesma ao outro, chamando-o de “branco de merda”. Além de denunciar a presença do discurso colonizador, ainda é possível ler na escolha lexical do autor, a saber, “casa de negros”, uma ideia de invasão por parte do outro, sendo esta invasão uma refração em miniatura da colonização em que o espaço dos angolanos fora invadido pelo europeu.

Outro discurso próprio do colonialismo também é representado no discurso de Carmina e também é visto no contexto das obras na casa de Carmina e João: não chamar as empregadas domésticas por seu próprio nome. No enredo, depois de algum tempo quando chegou para trabalhar, Sô Ribeiro pergunta para João o motivo de sempre chamarem Joana assim, sendo que ele ouvira outras personagens a chamando de Fátima, o que assusta a empregada que sai do cômodo em que os dois conversavam. Nesse diálogo, João lhe diz que é pelo fato de mudarem muito de empregadas, então Carmina escolheu um nome para chamar todas elas. No entanto, é possível ao leitor perceber que esta explicação dada pelo personagem João é

43 Baseamos nossa reflexão sobre o colonialismo principalmente em obras de referência sobre o tema: Memmi (1973) e Fanon (1952 e 2002). Ressaltamos, também, que apesar do uso do próprio autor da palavra “racismo” contra uma pessoa branca, não corroboramos com a incoerente ideia de “racismo reverso”.

falsa, pois o real motivo, que já foi razão de uma “maka antiga com Carmina”, é na sua fala (ideologema):

as senhoras coloniais que mudavam os nomes das empregadas para Maria ou Joana, vem mesmo na literatura. E a sua mulher tinha aprendido com as colonas e usava depois da independência o mesmo sistema (PEPETELA, 2008; p. 64).

Mesmo que a perpetuação deste discurso colonizador seja motivo de discussões (makas), Carmina, a partir do projeto estético-ideológico do autor, não abandona o costume herdado dos colonizadores, reproduzindo o mesmo sistema daqueles que dominavam seu país anteriormente. Dessa forma, a voz de Carmina ressoa/corroborar a voz dos antigos colonizadores (bivocalidade), contradizendo as ideias defendidas pelos novos dirigentes do país. Isto explica o motivo de, no enredo, Joana/Fátima ter se assustado com a pergunta de Sô Ribeiro – afinal este é um costume sabidamente colonizador que negava a identidade dos colonizados, sendo assim condenável por quem o conhece. Deste modo, ao adotar esse hábito, mesmo sendo questionada por João, a personagem Carmina mantém e perpetua ações ideológicas da antiga elite colonial, sendo ela mesma da atual elite pós-independência. “O falante no romance é sempre, em maior ou menor grau, um *ideólogo*, e sua palavra é sempre um *ideologema*” (BAKHTIN, 2017c, p. 124; grifos do autor). O discurso autoritário deixado pelos antigos colonizadores é internalizado pelos indivíduos, no caso do romance, pela personagem Carmina, e reproduzido de modo interiormente persuasivo, pois já assimilou esse discurso. A tensão que Pepetela cria ao atribuir estas características à sua personagem em relação àqueles a sua volta é um recurso que demonstra as contradições que o colonialismo perpetuou em suas antigas colônias, fazendo com que os dominados acabem por agir da mesma maneira que seus dominadores. No entanto, a personagem escolhida pelo autor para reproduzir de forma mais clara esta contradição é uma das dirigentes do país, o que reflete e refrata a forma como os governos se forma(va)m sem realmente se desvincular do discurso anterior, apenas o reprimindo publicamente para se manter as aparências. A forma como Pepetela constrói a personagem Carmina e sua relação de tensões ideológicas com João é uma forma eficaz de representar as próprias tensões e contradições existentes nos países recentemente independentes.

Ambas as obras apresentam questionamentos às bases dos discursos ideológicos dominantes nas sociedades representadas nos romances, embora não haja reais rompimentos dos protagonistas com estes discursos. No entanto, mesmo sem uma ruptura completa com estes discursos, estas ideologias possuem momentos de rejeição total ou parcial que acabam gerando posicionamentos responsivos de rejeição por parte dos protagonistas.

4.3 Rejeição da ideologia

Os discursos ideológicos representam um ponto de vista dos autores (posicionamento axiológico) em relação às sociedades em que viviam e a qual refrataram em suas obras de ficção. As sociedades capitalistas no ocidente apresentam muitas diferenças entre si, mas também acumulam muitas semelhanças, causando, pois, problemas muito similares e que acabam por causar também reações próximas, mesmo em países distintos e distantes. No caso de *Les Choses* e de *O Desejo de Kianda*, os problemas sociais representados são os motores para que as personagens rompam ou procurem romper completa ou parcialmente com os discursos dominantes e com o modo de viver das sociedades nas quais estão inseridos.

Nas duas obras, são os questionamentos dos discursos dominantes que causam sua rejeição total ou parcial por parte das personagens. No romance de Pepetela, além dos vários problemas sociais representados, presentes ou causados pelas elites, exemplificados na seção anterior com a personagem de Carmina, há a síndrome de Luanda, a queda inexplicável dos prédios do Kinaxixi, que geram pressão para uma resposta social, sendo estes os principais fatores que influenciaram a rejeição aos discursos ideológicos em Pepetela. Já em *Perec*, há inicialmente uma ruptura total com o discurso ideológico, mesmo que apenas temporária. Também sendo uma continuação do questionamento à ideologia, e com a descoberta de formas diferentes de se viver, as personagens decidem “fugir” e recomeçar suas atividades sob uma nova perspectiva. Embora tenham origens próximas, as ações responsivas das personagens contrárias a estes discursos ideológicos não ocorrem da mesma maneira.

No romance, as ações da elite angolana discutidas na seção anterior e o descaso dos governantes para lidar com as pessoas desalojadas em detrimento da Síndrome de Luanda provocaram na população do Kinaxixi um sentimento de grande descontentamento expressado nas falas do amigo da família de João e Carmina, Honório. Ele morava em um dos primeiros prédios a cair e, apesar da ajuda oferecida por João, Honório prefere ficar com as demais pessoas do largo por causa de objetos pessoais e com a esperança de receber alguma ajuda do governo. A população que vive no Kinaxixi inicia um movimento de total ruptura com o sistema social e político vigentes, sendo que João reconhece Honório como um dos líderes apesar de ele afirmar não haver nenhum líder e que este é um movimento espontâneo. Honório é, dessa forma, criado pelo autor como um porta-voz das reivindicações contra as ideologias dominantes, sendo contrários inclusive ao uso de roupas:

– Não, é um movimento cívico. De coerência cívica. Como podemos andar vestidos se nos despojam de tudo e não ajudam? Todos os dias a moeda é desvalorizada, os preços dos produtos sobem, ninguém pode trabalhar porque os salários são a única coisa que não sobe neste País. Não é um luxo vergonhoso ostentar roupa, nem que seja um pedaço de tecido sujo? É ostentação de riqueza e não pode ser tolerada. Ainda não passámos à acção. Porque depois vamos começar a despir as pessoas que passam nas ruas. (PEPETELA, 2008. p. 110)

Honório é representado pelo narrador como um líder revolucionário e seu discurso apresenta a negação do sistema ideológico até então representado na obra, principalmente após a abertura econômica, mas que também se opõe aos sistemas pós-independência e colonial também evocados ao longo da obra. Além disso, ele usa o povo para legitimar seu discurso ao falar que seu movimento é “cívico. De coerência cívica”. E exatamente por ser um movimento do povo seria necessário negar tudo o que é negado ao povo, agora vistos como “luxo vergonhoso”, chegando mesmo ao uso de roupas. Para o personagem Honório, todo artigo de conforto básico passa a ser um luxo diante daqueles que não têm nada devido à indiferença daqueles que os “despojam de tudo e não ajudam”, ou seja, os governantes e a elite que se aproveita do povo, sendo que ele mesmo era parte desta elite e João ainda o é. O autor utiliza a falta de roupas como um signo ideológico para tudo aquilo que lhes é negado pela sociedade e pelo sistema em que vivem. Pepetela eleva o

personagem de Honório, que, até então, era alguém que agia passivamente às mudanças e transformações sociais que ocorriam à sua volta, em um agente responsivo. Ao fazer Honório negar o sistema ideológico e ao sublinhar o descaso do poder público em relação ao povo, Pepetela denuncia a própria situação vivenciada em seu país através da refração destes problemas na obra e na sua alegorização na fictícia Síndrome de Luanda. Além disso, cria um ponto de tensão nos discursos ideológicos mais proeminentes na obra, de consumismo, de alheamento, ou mesmo de permanência do discurso dominante no colonialismo, tentando João a abandonar o sistema antigo e abraçar suas novas ideias revolucionárias.

Embora toda a ordem social anterior seja negada e uma revolução seja proposta por Honório e os demais refugiados, e sendo João um dos raros personagens que questionam o sistema vigente no romance, ele se mantém fiel à ideologia em que vive. Sobre as ideias defendidas por seu amigo, João se questiona: “Criarem as suas próprias ideias e suas formas de luta, se marimbarem para os esquemas e fórmulas do Norte? Demasiado subversivo, destinado ao fracasso e ao luto” (p. 115). Em outras palavras, segundo o personagem João, ideias novas e novas formas de luta que destoam das defendidas pelos grandes centros ideológicos do capitalismo não poderiam funcionar. Aqui vale a pena ressaltar que a ideia de “Norte” além de remeter à Europa e aos Estados Unidos, também pode referir-se à Rússia, antiga União Soviética, que muito influenciou Angola e outros países da África durante suas guerras de libertação e seus primeiros governos pós-independência que tiveram lugar durante a Guerra Fria. Além disso, pode dar a dimensão de que há aqueles que estão “em cima”, os que vêm do “Norte” e aqueles que estão “embaixo”, o “Sul”, onde fica a maior parte do mundo em desenvolvimento, anteriormente colônias europeias, e local de fala das personagens do romance. Esse ponto de vista de Norte-Sul pode representar a repressão ideológica ainda exercida pelo “Norte” dominante/dominador em relação a seus antigos dominados. Ao ignorar as ideias do Norte, os refugiados tornar-se-iam subversivos demais para qualquer ideologia, por pretenderem ser algo totalmente novo. Ao fim da visita de Honório, representado como porta-voz da rejeição ideológica desta sociedade, a personagem Carmina, que estava fora de casa, volta revoltada ao ouvir falar de um movimento que rejeita a ideologia em que vivem,

sendo que ela mesma, no começo do romance, era contrária a esta ideologia que atualmente tanto defende. Honório era amigo de Carmina e João e tinham muitos pontos em comum entre eles, porém o próprio sistema ideológico (social e econômico) o fez rejeitar seus discursos e este processo se iniciou a partir do desejo de Kianda de derrubar os prédios ao redor da Lagoa em que vive. Ao fim do romance, com a queda do prédio em que Carmina e João vivem, o autor possibilita que eles mesmos questionem e talvez rejeitem o sistema ideológico do qual fazem parte, como membros da elite do país, ou os fazendo se apegarem ainda mais, como ocorre no romance de Perec após sua tentativa de ruptura.

No romance *Les Choses*, a rejeição pelo sistema não ocorre da mesma forma, vinda de personagens de fora. Ela é criada a partir de uma resposta consciente dos protagonistas. Como já foi discutido em outros momentos, as consequências da guerra têm como resultado o desejo de ruptura com o sistema em que viviam. Além disso, a rejeição por parte de Sylvie e Jérôme é vista, durante o romance, juntamente a um sentimento de perda. Embora em toda a segunda parte do romance os personagens busquem fugir do sistema que negaram, o processo de despaisamento⁴⁴ não é fácil, o que lhes faz, ao fim, nessa tensão ideológica criada pelo autor, negar seus esforços e abraçar o sistema com o qual haviam rompido.

O processo de negação ideológica, assim como ocorreu em *Pepetela*, teve como primeiros questionamentos suas bases, resumindo-as ao desejo de fortuna que causava os demais problemas, como a alienação pelo trabalho, em seu sentido marxista, e o alheamento através do consumismo, por exemplo.

Jérôme et sylvie furent sévères, furent injustes. Ils parlèrent de trahison, d'abdication. Ils se plurent à assister aux ravages foudroyants que l'argent, disaient-ils, creusait chez ceux qui lui avaient tout sacrifié, et auxquels, pensaient-ils, ils échappaient encore.⁴⁵ (PEREC, 2002. p. 98)

44 *Despaisamento* (*Dépaysement*) é um termo oriundo do francês (*dépayser*) e quer dizer desorientação pela mudança de ambiente, de meio, de hábitos. Esta palavra é empregada geralmente ao se falar sobre viagens, por haver em geral um desejo de ver algo novo ou exótico de forma positiva e agradável, mas também é uma palavra empregada ao se falar da confusão que as pessoas sentem com mudanças, de forma negativa. No caso de *Les Choses*, esta palavra pode ser entendida nas duas acepções.

45 Nossa tradução do original em francês: Jérôme e Sylvie foram severos, foram injustos. Eles falavam de traição, de abdicação. Eles se deleitavam a assistir às devastações fulminantes que o dinheiro, diziam eles, escavava naqueles que lhe tinham sacrificado tudo, e dos quais, pensavam eles, eles ainda escapavam.

Podemos perceber através desse trecho como o narrador trata a relação das personagens com o dinheiro como algo tóxico. Ao tratar do assunto eles falam em traição (*trahison*) e na abdicação que o dinheiro lhes impõe, falando mesmo de “destruições devastadoras” (*ravages foudroyants*) que ocorreriam com aqueles que se sacrificassem por ele. Os dois acreditavam ainda estar em um ponto do qual poderiam voltar dentro deste sistema ideológico, vendo o sistema como algo do qual deveriam escapar.

Entretanto, no processo de formação ideológica das personagens, o desejo e a vontade (relembrando que *désir* e *envie* são palavras muito importantes na leitura da obra) de fazer fortuna e de viver dela só cessa quando eles são mandados para um trabalho que exigia deles viajar pela França, levando-os para longe dos centros urbanos, e nesse contexto, as coisas que veem e os modos de vida que encontram os faz questionar seu próprio modo de vida dentro da sociedade em que viviam. Depois dessa experiência, “[i]ls rêvaient d’abandonner leur travail, de tout lâcher, de partir à l’aventure. Ils rêvaient de repartir à zéro, de tout recommencer sur de nouvelles bases. Ils rêvaient de rupture et d’adieu⁴⁶” (p. 114). O trabalho que era tudo para eles não é mais visto como essencial, e eles sonhavam (*rêvaient*) em abandoná-lo, mas não apenas o trabalho, pois eles sonhavam em romper totalmente com o sistema ideológico em que estavam inseridos. Esta ideia de abandono está ligada ao campo semântico de *fugir* e *escapar*, já vista em outros momentos, e com a ideia de *ruptura* e de recomeçar a partir de novas *bases* que os move no momento. A ênfase criada pelo narrador ao optar por essas escolhas lexicais demonstra o sentimento das personagens que reforça o sentimento de descontentamento das personagens. Neste contexto, uma possibilidade de trabalho na Tunísia os dá a chance de *fugir* e eles a aproveitam, tentando deixar para trás as bases nas quais viviam e podendo ter a ruptura que desejavam.

No enredo, o casal se muda para Tunísia em Sfax, local no qual eles pretendem viver contrariamente à forma em que viviam anteriormente, sem o consumismo, sem trabalhar apenas para enriquecer. Os personagens Jérôme e Sylvie pretendiam, apesar de não tão radicalmente, viver como os refugiados de *O Desejo de Kianda*, ou seja, viver uma sociedade completamente nova. No entanto,

46 Nossa tradução do original em francês: “Eles sonhavam em abandonar seus trabalhos, de deixar tudo para trás, de partir em aventura. Eles sonhavam em recomeçar do zero, de tudo recomeçar sobre novas bases. Eles sonhavam com rupturas e adeus”.

apesar da afirmação de que “[i]ls vécutent sans doute à Sfax les huit mois les plus curieux de toute leur existence” (p. 118)⁴⁷, esse período de negação do sistema ideológico em que viviam não foi sentido pelas personagens de forma positiva, por mais curioso e mesmo estranho que tenham achado. Perec escolhe pôr suas personagens na situação em que até então elas pareciam desejar. No entanto, apesar de elas estarem mais ou menos onde e como tinham vontade, as mudanças em seus modos de vida não são vistas de forma positiva. Esta tensão entre o que se deseja e o que se obtém a partir do desejo será o fio condutor desta parte da narrativa. A ausência foi o sentimento mais presente durante a fuga dos protagonistas, exatamente o que procuravam negar era o que lhes fazia falta. “*Cette sensation d’étrangeté s’accentuait, devenait presque oppressante, lorsque ayant devant eux les après-midi vides, des dimanches désespérants, ils traversaient la ville arabe de part en part*”⁴⁸ (p. 119). Eles não se sentiam aceitos na cidade: sempre sentindo uma estranheza que lhes era opressora. Os momentos em que passavam sem trabalho, que deveriam ser de lazer e proveito, se tornam “desesperadores” (*désespérants*) dada sua falta de conexão com a cidade em que vivem. As sensações que ambos os protagonistas sentiam eram descritas pelo narrador apenas com palavras negativas (*étrangeté, oppressante, désespérants*), o que indica a maneira como o novo era visto pelas personagens, ainda mais porque essa sensação negativa não surgia nos momentos sem trabalho, mas se acentuava (*s’accentuait*). Perec opta aqui por representar a busca pela mudança, ou mais especificamente pelo exótico nesse caso, de forma negativa. As mudanças de rotina e no modo de vida dos protagonistas não é representado pelo autor como ruim em si mesmo, mas sim a mudança de sistema. Jérôme e Sylvie acham *opressivo* e *desesperador* mudar, e o novo é o principal ponto de tensão deste momento na narrativa.

Além do abandono do consumismo desenfreado, embora continuem com certo fascínio em relação às sempre citadas coisas, o desejo de acumular dinheiro e enriquecer é deixado de lado. Como o salário de Sylvie é suficiente para que ambos vivam bem, não há, pois, a necessidade de que os dois trabalhem. Vale ressaltar um

47 Nossa tradução do original em francês: “Ele viveram em Sfax, sem dúvida, os oito meses mais curiosos de suas existências”.

48 Nossa tradução do original em francês: “essa sensação de estranheza se acentuava, se tornava quase opressora, quando tendo a sua frente as tardes vazias, os domingos desesperadores, eles atravessavam a cidade árabe de um lado para o outro”.

ponto interessante que aproxima a segunda parte de *Les Choses* ao pensamento marxista. Este momento remete às ideias sobre ideologia e sobre a consciência individual de Marx e Engels (2007) mais claramente do que outras passagens de ambos os romances⁴⁹. Durante a fuga, o emprego do tempo do trabalho de Sylvie ritmava suas vidas (PEREC, 2002. p. 121). Deste modo, o lazer, a alimentação, o descanso e as demais atividades da formação da consciência individual e ideológica são fruto da relação com o tempo de trabalho. Ainda nesta perspectiva, a falta de trabalho de Jérôme que o fazia se sentir vazio, frustrado e solitário também se relaciona às ideias do marxismo, sendo que nesta perspectiva a consciência individual e ideológica é ditada pelo próprio trabalho. O personagem Jérôme não conseguia se identificar com nada em Sfax, inclusive a busca por um emprego era uma preocupação sua, o que lhe concederia uma individualidade maior.

Contudo, segundo o narrador, esta vida sem desejos e consumo que eles buscavam não os fazia felizes, “*Leur solitude était totale*”⁵⁰ (PEREC, 2002. p. 122) e esta solidão não dizia respeito apenas a sua relação com as pessoas da cidade, mas também à cidade em si, visto que em alguns momentos eles desejavam “escapar” de Sfax. Nas palavras do narrador:

*“Ils tentaient d’échapper à Sfax, à ses rues mornes, à son vide, et de trouver, dans les panoramas, dans les horizons, dans les ruines, quelque chose qui les aurait éblouis, bouleversés, des splendeurs chaleureuses qui les auraient vengés”*⁵¹ (PEREC, 2002, p. 125).

Após fugir para Sfax, Jérôme e Sylvie parecem querer “fugir” de Sfax aproveitando todas as suas oportunidades para escapar de lá, não só para se deslumbrar, mas também para se perturbar (talvez um eco do desejo que possuíam de início de serem desafiados, o que os levou à “fuga”. Perec cria um ciclo que se repete nesta segunda tentativa de fugir da rotina. Em Paris, eles estavam estabelecidos em uma

49 É possível fazer uma leitura similar com João Evangelista, visto que ele não quase não aparece em seu trabalho e passa a maior parte do seu tempo jogando no computador ou se preocupando com o trabalho de Carmina. No entanto, como ele ainda tem trabalho, mesmo que ele não se identifique e nem seja identificado diretamente com ele, essa leitura se torna mais difícil no seu caso, embora não impossível. Afinal, por ter um trabalho sem expectativas é possível ler o personagem de mesma forma em oposição a Carmina ou mesmo Honório e seu pai que eram caracterizados em relação a suas profissões.

50 No original em francês: a solidão deles era total.

51 No original em francês: eles tentavam escapar de Sfax, de suas ruas mornas, de seu vazio, e encontrar, em algum panorama, nos horizontes, nas ruínas, qualquer coisa que os deslumbrasse, perturbasse, algum esplendor caloroso que os teria vingado.

vida cômoda pretendendo novos desafios para se sentirem vivos; agora que eles conseguiram a mudança que procuravam, eles tentam outra vez mudar sua rotina em busca de algo que os desafie novamente, o que possivelmente criaria um novo ciclo de fuga. Neste sentido, há neste momento uma ação responsiva próxima à fuga de Paris, mas agora respondendo a Sfax. Ao buscarem no possível exotismo (nos horizontes, nas ruínas) das cidades africanas algo que faça ter valido a ruptura e, nas palavras do próprio narrador, os “vingasse”, eles demonstram que a ruptura em si pode não ter valido a pena. Ao questionar o discurso ideológico com o qual discordavam e procurar novas perspectivas em uma sociedade completamente distinta, Jérôme e Sylvie acabam encontrando apenas decepção e solidão. A negação deste discurso faz com que eles se apeguem mais ao que deixaram para trás, sendo o final do enredo marcado pelo retorno à vida antiga e ao sistema do qual tentaram fugir. Perec coloca suas personagens em um ciclo no qual elas respondem de forma negativa aos sistemas ideológicos repetidamente, sendo sua opção de aceitação abraçar e concordar (pelo menos até o término do romance) com o sistema inicial, logo o mais conhecido. Ou seja, o desejo de retorno à sociedade que negaram e que acreditavam ser nociva demonstra o quão profundamente as ideologias internamente persuasivas podem agir: Sylvie e Jérôme não conseguem (re)agir a um outro discurso que não seja o que eles já conhecem. Eles parecem estar subordinados a esses discursos ou respondem ativamente em direção a ele, ignorando outros modos de vida que fujam do sistema já conhecido e aceito.

Nas duas obras, a rejeição ao sistema ideológico dominante ocorre em partes, seja pelos protagonistas, seja por outras personagens que interagem com eles. No entanto, em nenhuma delas os sistemas ideológicos são completamente rejeitados, seja com o arrependimento das protagonistas, em *Les Choses*, seja por acreditarem que esta rejeição não é completamente ou realmente possível, em *O Desejo de Kianda*. No entanto, questionar estes discursos é uma forma de ação e de transformação social, e em ambas as obras a partir do questionamento destes sistemas, as personagens são representadas por seus autores como aquelas que, de alguma forma, modificam o mundo no qual vivem.

Ao discutir os discursos dominantes e internamente persuasivos, Bakhtin (2017c) nos dá várias possibilidades básicas de resposta, sendo a aceitação, o

questionamento ou a rejeição algumas delas. Nas obras analisadas, podemos encontrar elementos destas três possibilidades ao longo dos romances e observamos como as personagens agem, nesse mundo artisticamente criado, em relação a estes discursos, chegando a querer rejeitar a própria sociedade na qual vivem. A rejeição simples dos discursos pode não ter ido até o fim nos romances, mas seu questionamento, pelo contrário, se mostrou uma forte ferramenta de transformação. Este questionamento a partir da literatura pode ser um forte mecanismo de transformação e educação, seja para negar o todo social, como em *Pepetela*, seja para reforçá-lo, como em *Perec*. Discutir as formas de dominação ou as formas de sociedade representadas na ficção estrangeira é uma forma importante de se entender as formas em que a própria sociedade (BAKHTIN, 2017a) funciona e possibilita, ou ao menos auxilia, que se possa tomar ações transformadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação de mestrado teve como intuito a construção de um diálogo entre as obras do autor angolano Pepetela e do autor francês Georges Perec, pondo-as em relação através das ideias e conceitos pensados pelo Círculo de Bakhtin, também nos apoiando em contribuições advindas, principalmente, do pensamento da crítica marxista e dos escritos de Marx e Engels. O intuito desta pesquisa era o de discutir de que forma os discursos dominantes eram representados nos romances *O Desejo de Kianda* e *Les Choses – Un roman des années soixante* e como as personagens respondiam a esses discursos e aos sistemas ideológicos nos quais estavam inseridas. Deste modo, poderíamos auxiliar na atualização da crítica de suas obras, abordando-as à luz de Bakhtin em diálogo com a crítica marxista.

Para análise dos romances utilizamos chaves de leitura baseadas na obra de Bakhtin (2017c), observando as formas como as personagens agiam responsiva e ativamente aos discursos e sistemas ideológicos dominantes e como suas ações reverberavam na obra. Para tanto, foi necessário inicialmente discutir aspectos ligados à evolução do termo ideologia e suas implicações e aplicações no marxismo, as ideias do Círculo de Bakhtin e como elas dialogavam e ampliavam o conceito de ideologia até então desenvolvido por outros pensadores. Além disso, discutimos a formação ideológica das personagens, assim como os autores e suas obras e seus contextos de produção. Deste modo, pretendíamos otimizar a compreensão dos termos empregados e das ideias defendidas por nós ao longo desta dissertação.

Para atingir este objetivo, nossa pesquisa foi dividida em três seções. Na primeira seção, observamos como o termo *ideologia* é polissêmico e teve seus primeiros usos na França durante o período da Revolução Francesa, cunhado e divulgado inicialmente pelo pensador francês de Tracy como um “conjunto de ideias” sem possuir nenhum valor pejorativo que seria posteriormente empregado por Napoleão, como uma negativa “idealização da realidade”. É nesse contexto que o termo começa a possuir mais sentidos, mesmo que contraditórios entre si. O termo é posteriormente resgatado por Marx e Engels, sendo utilizado inicialmente para descrever as macro e superestruturas da sociedade (MARX, 2008) e como “falsa consciência”, significando, nesse sentido, uma ilusão/enganação da realidade

(ENGELS; MARX, 2007). O termo é posteriormente utilizado e ampliado por Bakhtin e seu Círculo, visto que Bakhtin entendia o Ser como um agente responsivo e responsável, diferentemente do marxismo. Deste modo, ideologia não seria apenas as estruturas de um sistema, mas seria uma força axiológica (BAKHTIN, 2017c; BAKHTIN, 2019; VOLÓCHINOV, 2017; VOLÓCHINOV, 2019).

A segunda seção tratou sobre como se dá a construção e a formação das personagens ideologicamente. Para tanto, discutimos como esta construção ocorre e como ela é afetada pelo heterodiscurso (BAKHTIN, 2019). Em seguida, abordamos a vida de Péricles e sua obra e, na sequência, a vida de Pepetela e sua obra, assim como também apresentamos resumos dos dois romances estudados ao discutir a obra de seus respectivos autores. Ao final, encerramos esta seção com uma breve apresentação do contexto histórico e social no qual os dois romances selecionados foram produzidos e publicados.

Por fim, na terceira seção, analisamos ambas as obras escolhidas, observando como seus protagonistas respondiam aos discursos e aos sistemas ideológicos dominantes. Observamos inicialmente como as ações responsivas das personagens ocorriam em relação a aceitação/submissão dos discursos dominantes; em seguida discutimos de que maneira se dá o questionamento/aceitação parcial destes discursos; e, por fim, discutimos rejeição em partes ou total por parte dos protagonistas ou de outros personagens que os circundam.

Dessa forma, é possível responder às perguntas de pesquisa, afirmando que as obras refletem e refratam os discursos e sistemas dominantes de suas sociedades através das ações responsivas das personagens, representadas por seus autores de modo que tomem posições que embora geralmente de submissão a estes discursos e sistemas, ainda assim apresentem questionamentos para eles. O recorte temporal selecionado para nossa leitura pôs em diálogo duas obras separadas no tempo e no espaço, mas que apresentaram momentos de transformação social próximos ou opostos e cuja relação também teve lugar em outras localidades do mundo. As mudanças sociais, os questionamentos e ações responsivas representadas nas obras selecionadas também podem ser observados em outras sociedades, tais como a brasileira, e suas leituras também são importantes para observar e questionar como estes discursos e sistemas ideológicos

(inter)agem e em nossa própria sociedade e são representadas em nossas produções literárias.

Através das leituras realizadas dos romances selecionados, observamos como os sistemas ideológicos e seus discursos dominantes foram refletidos e refratados por seus autores em seu pequeno tempo, lendo estas obras para além dele, atualizando-as à luz do Círculo de Bakhtin e dialogando com ideias da crítica marxista. As obras foram selecionadas por poderem ser lidas como representantes de dois períodos distintos do século XX, seu início e seu fim, com a representação de importantes momentos, como a ascensão do consumismo ou as guerras anticoloniais, assim como suas consequências que impactaram os indivíduos dentro e fora das antigas colônias e que mesmo após o fim do domínio oficial ainda deixaram vestígios dos antigos discursos dominantes. Essa dominação não ocorre apenas de forma externamente autoritária, mas também de maneira interiormente persuasiva, podendo ser notada nos mais diversos discursos, dos quais selecionamos abordar o literário. É importante, nesse sentido, lembrar a herança colonial brasileira e que estes elementos, como já evocado anteriormente, são imprescindíveis na leitura e compreensão de nossa história e sociedade assim como das maneiras de representá-las esteticamente.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir na formação leitora daqueles que se interessam por literatura estrangeira, seja ela em língua estrangeira ou em língua portuguesa, e na atualização e divulgação da obra destes dois autores, ainda pouco lidos e estudados no Brasil, embora célebres em seus países. Além disso, a pesquisa que efetuamos pode ser útil na formação de professores e estudantes de literaturas francesa e angolana – ou de forma mais simples, de literaturas estrangeiras –, podendo ser uma fonte didática (o máximo que conseguimos) de informações úteis para pesquisas vindouras. Pretendemos também que este trabalho possa auxiliar estudantes e pesquisadores de literatura em processos de análise que dialoguem com as ideologias representadas, ações responsivas e com seus contextos de produção das obras, se importando também com seu pequeno tempo.

Esperamos também que essa pesquisa possa influenciar positivamente no trabalho em sala de aula e não apenas em pesquisas acadêmicas. Em especial em aulas de literatura francesa e francófona (como se costuma chamar as literaturas de

língua francesa fora da França, em especial as produzidas por escritores africanos) e de literatura angolana, mas também outras produções estrangeiras de língua portuguesa. Afinal, compreender a cultura do outro é uma forma de compreender nossa própria cultura (BAKHTIN, 2017a). Deste modo, achamos importante que a leitura destas obras seja feita em diálogo com nossa realidade/produção literária para que a experiência do outro possa auxiliar na leitura de nossa própria experiência.

É claro que toda pesquisa tem seus limites e embora tenhamos muitas esperanças com este trabalho, entendemos que pelo pouco tempo e dificuldade na busca por fontes confiáveis (principalmente em sua língua original quando possível, como todo o respeito às traduções brasileiras que fique claro), assim como outras complicações, fazem com que esta pesquisa ainda seja limitada. Sendo assim, convidamos outros pesquisadores a nos auxiliar no aprofundamento das questões aqui apresentadas, como se dá a relação dos autores selecionados com outros autores originários de ex-colônias europeias, suas relações com as antigas metrópoles colonizadoras, ou mesmo suas relações com o Brasil. Deste modo, pretendemos ser mais um elo na grande corrente de discursos que aprofundem e levem à frente as discussões por nós levantadas nesta pesquisa. Nós pretendemos levar adiante nossos questionamentos na tese de doutorado, na qual pretendemos investigar as relações ideológicas dos romances, mas desta vez aplicados à educação, propiciando um diálogo entre literatura em língua estrangeira e em língua materna em sala de aula e desta vez criando um diálogo entre a obra literária estrangeira e a produzida no Brasil. Enfim, pretendemos que nossos questionamentos possam contribuir na atualização das obras de nossos autores selecionados e no avanço dos estudos literários.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AMARAL, Inajara Erthal. **Deslocamentos da infância**: Utopia do infantil em Georges Perec. Dissertação. Porto Alegre: UFRGS, 2018.
- ANDREIS, Adriana Maria. **Cotidiano**: Uma categoria geográfica para ensinar e aprender geografia. Tese. Juiz de Fora: UNIJUÍ/RS, 2014.
- ARAUJO, Renata Lopes. **André Gide e Georges Perec**: Os diálogos potenciais. Dissertação. São Paulo: UsP, 2009.
- BALDI, Luiz Agostinho de Paula. **A categoria ideologia em Marx e a questão da falsa consciência**. R. Katál., v. 22, n. 3, p. 631-640, Florianópolis, set./dez 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. A ciência da literatura hoje. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017a. p. 9-19.
- BAKHTIN, Mikhail. Por uma metodologia das ciências humanas. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017b. p. 57-79.
- BAKHTIN, Mikhail. O discurso no Romance. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2017c.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do Discurso**. Tradução Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2019.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BEZERRA, Paulo. Breve Glossário de alguns conceitos-chave. *In*: BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2017. Pág. 243-249.
- BOBBIO, Noberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Tradução Carmen C. Varriale, Gaetano Lo Mônaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cacaís e Renzo Dini. Brasília: Editora UnB, 1998.

CAMARGO, Rodrigo Ferraz de. **Perec/Lacan Soletrações de um enigma**: Uma tentativa de articulação entre literatura e psicanálise. Dissertação. USP: São Paulo, 2008.

CAMPBELL, Colin. **A Ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CARNEIRO, Vinícius Gongalves. **Restrições formais, transcrição concreta e algo mais no oulipo e em *La Disparition*, de Georges Perec**. Tese. PUCRS: Porto Alegre, 2015.

CASTILHO, Marco. **A nação angolana à deriva**: Utopia e distopia em *Mayombe* e *Predadores*, de pepetela. Dissertação. Brasília: UnB, 2018.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006.

COUTINHO, Eduardo. **Literatura comparada na América Latina**: Ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

DESORIERES, David. Georges Perec et la crise du langage. De la critique du Nouveau Roman à l'apologie de Robert Antelme. *In: Politiques de la littérature*. Une traversée du XXe siècle français. Montréal: Université du Québec, vol 15, 2014. p. 121-146. Disponível em: <http://oic.uqam.ca/fr/articles/georgesperec-et-la-crise-du-langage-de-la-critique-du-nouveau-roman-a-lapologie-de-robert>. Acessado em: 17 jan 2020.

DOUGLAS, Mary. ISHERWOOD, Baron. **The word of goods**: Toward an anthropology of consumption. New York: Taylor & Francis e-Library, 2002.

ENGELS, Fridriech. MARX, Karl. **A Ideologia alemã**. Tradução Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

ENGELS, F.. Comentários sobre A Contribuição à Crítica da Economia Política, de Karl Marx. *In: MARX, Karl. Contribuição à crítica de economia política*. Tradução Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008. p. 273-285.

FANON, Franz. **Les Damnés de la terre**. La Découverte & Syros: Paris, 2002.

FANON, Franz. **Peau noire, masques blancs**. Paris: Seuil, 1952.

FARACO, Carlos Alberto. A ideologia no/do Círculo de Bakhtin. *In: PAULA, Luciana de. STAFUZZA, Grenissa (org.). Círculo de Bakhtin*: Pensamento interacional. Mercado de Letras: Campinas-SP, 2013. p. 167-182.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FUX, Jacques. **A Matemática em Georges Perec e Jorge Luis Borges**: Um Estudo comparativo. Tese. UFMG: Belo Horizonte, 2010.

GRIGOLIN, Ana Silvia. **O Jogo estético na obra de Pepetela**: A Subversão da norma como forma de expressão do mundo contemporâneo. Dissertação. USP: São Paulo, 2013.

JOHNSON, Allan G.. **Dicionário de sociologia**: Guia Prático de linguagem sociológica. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica de economia política**. Tradução Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

MAGNÉ, Bernard. Georges Perec romancier. *In*: PEREC. Georges. **Les choses – Un roman des années soixante**. *In*: PEREC. Georges. *Romans & Récits*. La Pochothèque: Paris. 2002. p. 9-34

MEMMI, Albert. **Portrait du colonisé – précédé du Portrait du colonisateur**. Paris: Payot, 1973.

MENESES, Guilherme Pinho. **Videogame é droga? Controvérsia em torno da dependência de jogos eletrônicos**. USP: São Paulo, 2015.

MPLA. **História** – O Partido da verdade, da liberdade e do povo. Disponível em: <http://mpla.ao/mpla.6/historia.7.html>. visualizado em: 02 de dez. 2020.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**: História, teoria e crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

PAWLIKOWSKA, Ewa. Entretien Georges Perec/Ewa Pawlikowska (Propos Recueillis le 5 avril 1981, à Varsovie, transcription d'Ewa Pawlikowska). *In*: PEREC. **Entretiens et Conférences**. 2003, p. 199-207

PEPETELA. **O Desejo de Kianda**. Don Quixote: Lisboa, 2008.

PEREC. Georges. **Les choses – Un roman des années soixante**. *In*: PEREC. Georges. *Romans & Récits*. La Pochothèque: Paris. 2002.

PINO, Claudia Amigo. **O Espaço modo de usar**: Georges Perec. *In*: Revista Lettres Françaises. n. 7, p. 123-134. São Paulo: USP, 2006

PINTO, Tatiana Leite Pereira. **Etnicidade e racismo em Angola**: da luta de libertação ao pleito eleitoral de 1992. Dissertação. UFF: Niterói-RJ, 2012.

PINTO, João Nuno da Silva. **A construção da política de segurança alimentar e nutricional em Angola**. Dissertação. UFRRJ: Rio de Janeiro, 2008.

SPERANZINI, Manlio de Medeiros. **A pesquisa (in)finita das coisas**: Georges Perec e a arte do desimportante. Tese. São Paulo: USP, 2011.

THOMPSON, John B.. **Ideologia e cultura moderna** – Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Trad. do grupo de Estudos sobre Ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. Editora Vozes: Petrópolis-RJ, 2011.

UNESCO, Organisation des nations unies pour l'éducation, la science et la culture. **Histoire de l'humanité** – le XXe siècle de 1914 à nos jours. Trad. coord. Albert Ollé-Martin e Violaine Decang. UNESCO, Paris, et Routledge, Londres, 2009. 8 vols.

UNESCO, Comitê Científico Internacional da UNESCO para Redação da História Geral da África. **História geral da África**. Trad. e revisão coordenadas por Valter Silvério. Brasília: UNESCO, 2010. 8 vols. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16146.

UNITA. **História** – 13 de março no leste de Angola. Disponível em: http://www.unitaangola.com/PT/PrincipNouvP0.awp?WD_ACTION_=MENU&ID=OPT_OPTIONMODELE3. Visualizado em: 02 de dez. 2020

VIDAL, Francisco Elder Freitas. **Identidade e mobilidade angolanas na ficção de Pepetela**. Dissertação. UFC: Fortaleza, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** – Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Ed. 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **A palavra na vida, a palavra na poesia**. Trad. de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Ed. 34, 2019.

WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**. Oxford/New York: Oxford University Press.1977.